

Relatório de Estágio de Educação Física Realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Gilberto Gonçalves Prioste

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

maio | 2013

JMa

el

T/M UMA
796
Pri rel
EX 1

71844

Relatório de Estágio de Educação Física Realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Gilberto Gonçalves Prioste

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO

José Ricardo Velosa Barreto Ferreira Alves



Centro de Competência de Ciências Sociais
Departamento de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório do Estágio de Educação Física desenvolvido na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros

Orientador Científico

Prof. Doutor Ricardo Alves

Orientador Cooperante

Dr.ª Elda Gomes

Gilberto Gonçalves Prioste

2013

Agradecimentos

O presente relatório expõe todo o trabalho desenvolvido no Estágio Pedagógico e é o culminar de um longo percurso. Todo este processo não é meramente individual, como tal, todos os contributos e orientações prestadas por várias pessoas foram fundamentais, às quais presto aqui, de forma sincera e honesta, os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, pela compreensão, apoio, ajuda e sacrifícios que fizeram para que este meu sonho se tornasse realidade.

À minha namorada Vânia Sousa, por todo o apoio, paciência, compreensão, amor e carinho demonstrados neste longo percurso.

Aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados, pelo incentivo e apoio demonstrados ao longo de todo o processo.

Aos Professores Orientadores, Dr.^a Elda Gomes e Prof. Doutor Ricardo Alves, pela disponibilidade, apoio, ensinamentos e orientação em todo o processo que contribuiu para ser um profissional com mais competências.

Ao meu colega estagiário, Gonçalo Castanha, pelos momentos de partilha, de cooperação e reflexão protagonizados ao longo de todo o Estágio Pedagógico que potenciaram o processo de aprendizagem.

Um agradecimento muito especial a todos os meus colegas de Mestrado, pela ajuda, partilha e amizade demonstrada em todo o processo de aprendizagem e formação.

A todo o corpo docente da Universidade da Madeira por todo o conhecimento e competências transmitidas ao longo de todo o meu processo de formação.

Ao Conselho Executivo da Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos dos Louros e corpo docente e não docente pela hospitalidade e oportunidade de formação.

A todos um Muito Obrigado!

Resumo

O Estágio Pedagógico (EP) é um momento e uma etapa fundamental no processo de aprendizagem e de formação dos professores, uma vez que é o momento em que são postos em prática todos os conhecimentos adquiridos no processo académico.

Uma vez na escola, e em contexto real, foi-nos atribuída uma turma de 8.º ano com a qual desenvolvemos o nosso trabalho no ano letivo de 2012/2013 na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros. Assim, este trabalho tem como pressuposto expor, justificar e refletir todas as escolhas metodológicas inerentes a todo o processo de Estágio Pedagógico.

O Estágio Pedagógico decorreu de forma articulada entre os dois professores estagiários e os dois orientadores (Científico e Cooperante), num processo em que cada um dos estagiários lecionou uma turma de 3.º Ciclo.

O relatório está estruturado de acordo com as diretrizes definidas para o estágio, que foram as linhas potenciadoras do nosso processo de ensino-aprendizagem, e incide sobre o planeamento, realização e controlo de todas as atividades.

A prática letiva foi, efetivamente, a atividade de maior relevância em todo o processo pois compreendeu a gestão de todo o processo de aprendizagem e também por ser a atividade com maior importância para o nosso futuro profissional.

As restantes atividades foram desenvolvidas com o intuito de potenciar as nossas competências a nível de planeamento, organização, conceção, controlo e na área da investigação, resumindo-se às atividades de Intervenção na Comunidade Escolar, de Integração no Meio e atividades de Natureza Científico Pedagógicas.

Todo o estágio foi uma etapa difícil mas gratificante e aqui pretendemos, não só expor mas também justificar e refletir com coerência sobre todas as atividades e experiências vivenciadas.

Palavras-Chave: Escola, Estágio Pedagógico, Educação Física e Processo Ensino-aprendizagem.

Abstract

The Pedagogical Internship (PI) is a fundamental step in the learning and training process of teachers, since this is the time when all the knowledge acquired in the academic process is put into practice.

Once in school, and in the real world, we were assigned an 8th grade class in Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, in which we developed our work in the academic year 2012/2013. Thus, this work aims to expose, justify and reflect all methodological choices inherent in the process of PI.

The PI was held under the coordination between the two preservice teachers and the two preservice teacher educators (Scientific and Cooperating), a process in which each of the trainees taught a middle school class.

The report is structured according to the guidelines set for the internship, which were the supporting outlines of our teaching-learning process, and focuses on the planning, execution and control of all activities.

The teaching practice was effectively the activity of greatest importance in the whole process for both being included in the management of the whole learning process and the activity with the highest importance to our future career.

The remaining activities were developed in order to enhance our skills in planning, organization, design, control and research areas, summing up the activities of School Community Intervention, Integration in the School Means and Scientific-Pedagogical activities.

The entire internship was difficult but rewarding and here we intend to not only display but also justify and reflect coherently on all activities and experiences.

Keywords: School, Pedagogical Internship, Physical Education and Teaching-Learning Process.

Résumé

Le stage pédagogique (EP) est une période et étape fondamentale dans le processus d'apprentissage et formation des enseignants, car c'est le moment où sont mis en pratiques toutes les connaissances acquises dans leur formation académique.

Une fois à l'école et dans un contexte réel, il nous a été attribué une classe de 4ème avec qui nous avons développé notre travail pour l'année scolaire 2012/2013 au collège et lycée "dos Louros", Madeira, Funchal. Ainsi, ce travail est l'opportunité pour exposer, justifier et réfléchir sur les choix méthodologiques inhérents au processus de formation des enseignants.

Le stage pédagogique s'est développé en coordination entre les deux professeurs stagiaires et les deux conseillers (scientifique et coopérant), dans un processus où chacun des stagiaires a enseigné une classe de lycée.

Le rapport est structuré en conformité avec les lignes directrices établies pour son élaboration qui sont de potentialiser notre processus d'enseignement et d'apprentissage, nous concentrant sur la planification, l'exécution et le contrôle de toutes les activités.

La pratique de l'enseignement était effectivement l'activité la plus importante dans l'ensemble du processus puisqu'elle comprend la gestion de l'ensemble de la démarche d'enseignement et apprentissage et aussi pour être l'activité principale de notre future carrière.

Les autres activités ont été développées afin d'améliorer nos compétences dans la planification, l'organisation, la conception et le contrôle en matière de recherche, résumant notre intervention aux activités auprès de la communauté scolaire, d'intégration et autres activités au caractère pédagogique scientifique.

Le stage dans sa totalité a été difficile mais enrichissant et nous prétendons, dans ce rapport, non seulement expliquer, mais aussi justifier et réfléchir, de manière cohérente sur l'ensemble des activités développées et expériences vécues.

Mots-clés: école, formation des enseignants, l'éducation physique et processus d'apprentissage et d'enseignement.

Resumen

La Formación del Profesorado (EP) es un tiempo y un paso fundamental en el proceso de aprendizaje y formación de los docentes, ya que es el momento de poner en práctica todos los conocimientos adquiridos en el proceso académico.

Una vez en la escuela y en el mundo real, nos asignaron un grupo de 8º año con lo que desarrollamos nuestro trabajo en el curso académico 2012/2013, en la Escuela Primaria 2.º y 3.º Ciclos de Louros. Por lo tanto, con este trabajo se supone exponer, justificar y reflejar todas las opciones metodológicas inherentes en el proceso de formación del profesorado.

La Formación de Maestros celebrado en la coordinación entre los dos maestros en formación y dos consejeros (Ciencia y cooperantes), un proceso en el que cada uno de los participantes dio una clase de 3.º Ciclo.

El informe está estructurado de acuerdo con las directrices establecidas para la formación, que eran potenciar las líneas de nuestro proceso de enseñanza y aprendizaje, y se centra en la planificación, ejecución y control de todas las actividades.

La práctica de la enseñanza era efectivamente la actividad de mayor importancia en todo el proceso, ya que incluye la gestión de todo el proceso de aprendizaje y también por ser la actividad de mayor importancia para nuestro futuro profesional.

El resto de las actividades se han desarrollado con el fin de mejorar nuestras habilidades en la planificación, organización, diseño y control en la investigación, resumiendo las actividades de la Escuela de intervención comunitaria, la integración en el medio y las actividades de carácter científico pedagógico.

Toda la etapa fue difícil pero gratificante y aquí tenemos la intención de no sólo explicar, sino también justificar y reflexionar de forma coherente en todas las actividades y experiencias.

Palabras clave: Escuela de Formación Docente, Educación Física y el Proceso de Enseñanza-Aprendizaje.

Índice

1. Introdução	4
2. Contextualização do Estágio	6
2.1 Relações fundamentais do Estágio Pedagógico	6
2.2 Caracterização da Escola	8
2.3 Caracterização da turma.....	10
2.3.1 Objetivos	11
2.3.2 Metodologia	12
2.3.2.1 Identificação do grupo alvo.....	12
2.3.2.2 Estratégias	12
a) Fontes documentais.....	12
b) Inquérito por questionário	13
2.4 Apresentação e Análise dos Resultados	15
2.4 Considerações Finais.....	16
3. Prática Letiva	18
3.1. Gestão do processo de ensino-aprendizagem.....	18
3.2 Planeamento	20
3.2.1 Planeamento Anual	21
3.2.2 Unidades Didáticas.....	26
3.2.3 Planos de Aula.....	28
3.2.4 Avaliação.....	31
3.2.4.1 Avaliação Diagnóstica.....	33
3.2.4.2 Avaliação Formativa	35
3.2.4.3 Avaliação Sumativa.....	36
3.3 Assistência às aulas	36
3.3.1 Limitações da observação	38
3.3.2 Definição de objetivos.....	39
3.3.3 Metodologia	40
3.3.4 Estratégias e Considerações	40
4. Atividades de Intervenção na Comunidade Escolar	42
4.1 Objetivos	42
4.2 Conceção.....	43
4.3 Reflexão	44

4.4 Outras atividades de intervenção na comunidade escolar	46
5. Atividades de Integração no Meio	48
5.1 Estudo de Caso	48
5.1.1 O que é um estudo de caso?	48
5.1.2 Enquadramento do estudo de caso	49
5.1.3 Objetivos	50
5.1.4 Estratégias de intervenção	50
5.1.5 Considerações.....	51
5.2 Ação de Extensão Curricular.....	52
5.2.1 Justificação.....	52
5.2.3 Operacionalização	54
5.2.4 Considerações Finais.....	55
6. Atividades de Natureza Científico-Pedagógica.....	57
6.1 Atividade Científico-Pedagógica Coletiva.....	57
6.1.1 Pertinência do Tema.....	58
6.1.2 Objetivos da atividade	59
6.1.3 Estudo desenvolvido	60
6.1.3.1 Metodologia	60
6.1.3.2 Resultados	61
6.1.3.3 Considerações Finais.....	62
6.1.4 Conceção e Reflexão da Atividade	62
6.2 Atividade Científico-Pedagógica Individual	65
6.2.1 Pertinência do Tema.....	66
6.2.2 Objetivos	67
6.2.3 Caracterização da Paralisia Cerebral e alunos.....	67
6.2.4 Organização e conceção da ação	68
6.2.5 Reflexão	70
7. Considerações Finais.....	72
8. Referências Bibliográficas	74

Índice de Anexos

Anexo I – Ficha Individual do Aluno.....	81
Anexo II - Questionário.....	82
Anexo III – Unidade Didática.....	85
Anexo IV – Plano de Aula.....	96
Anexo V – Questão Aula.....	97
Anexo VI – Ficha de Observação.....	99

1. Introdução

O Estágio Pedagógico (EP) foi um momento que muito ansiávamos, pois era o culminar de todo um processo de aprendizagem e de formação académica iniciado na Universidade da Madeira no ano de 2002. Após uma Licenciatura em Educação Física e Desporto (Ramo Científico), não nos sentíamos realizados pois o nosso grande objetivo era sermos professores. Por nos sentirmos com vocação e motivação para atingir esse grande objetivo nunca desistimos e no ano de 2011 iniciámos um dos nossos sonhos que era a entrada no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

O início do EP era o momento em que iria pôr em prática muitos dos conhecimentos adquiridos ao longo de todo um percurso académico, assim como todos os conhecimentos adquiridos ao longo de toda a vida, mesmo os empíricos que em alguns momentos certamente iriam ser úteis.

Certos que seria um ano intenso, de grande esforço e dedicação, não desmotivámos mesmo estando conscientes que teríamos uma tarefa árdua, de grande responsabilidade e de reflexão em que todo o trabalho desenvolvido teria de ser fundamentado, refletido e avaliado.

Quanto à Escola de acolhimento, pelas informações recolhidas atempadamente sabíamos quais recursos humanos, materiais e espaciais de que iríamos dispor, logo sabíamos que a adaptação iria decorrer naturalmente.

Relativamente ao EP, perspetivava-se um ano de muito trabalho e dedicação mas, como tínhamos um objetivo a atingir, que era claro e inequívoco, a motivação e a crença iria levar-nos a bom porto.

O EP “é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino. O estagiário assume um grande número de responsabilidades do titular da aula num estatuto desconfortável e numa situação que não lhe é familiar” (Piéron, 1996, p. 19). Por ser um processo de formação que prevê a entrada dos estagiários em contexto real de ensino, é um processo onde as experiências práticas e teóricas adquiridas são integradas na realidade da profissão de professor. Neste sentido, a formação de professores deve ser vista como um processo contínuo de formação que nunca é estanque. Assim, o EP pode ser considerado um processo privilegiado onde as vivências e os conhecimentos adquiridos são considerados únicos.

O ensino da Educação Física caracteriza-se por ser complexo e por situações que podem ser previamente delimitadas. A ação educativa do professor exige uma grande capacidade de resolução de problemas e uma boa capacidade de reflexão sobre os fins, dos objetivos e dos resultados a que se propõe (Carreiro da Costa et al., 1996). Para Almada e colaboradores (2008), um docente deve ser mais que um transmissor de conhecimento, pode e deve ser um catalisador de um processo de amadurecimento, um pedagogo. Deve então, “(...) dominar ferramentas que lhe permitam estar melhor na situação do que o aluno, ferramentas que lhe possibilitem compreender melhor, perceber (note-se que não é saber) quais as soluções que melhor se ajustam (...)”.

O presente relatório procura expor, justificar e refletir sobre as atividades que foram desenvolvidas no âmbito do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nomeadamente, Prática Letiva, Atividades de Intervenção na Comunidade Escolar, Atividades de Integração no Meio e Atividades de Natureza Científico-Pedagógica. Este processo decorreu na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, onde exercemos funções de professor de Educação Física numa turma de 8.º ano no letivo 2012/2013.

O EP foi um momento de aprendizagem e todas as atividades foram desenvolvidas com o intuito de promover o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, processo este centrado principalmente nos alunos, assim como, contribuíram para o nosso processo de formação enquanto professor potenciando as nossas capacidades e promovendo novas competências que para nós terão repercussões importantíssimas no futuro na área da Educação Física e Desporto.

2. Contextualização do Estágio

2.1 Relações fundamentais do Estágio Pedagógico

Segundo Carreiro da Costa (1996), os potenciais professores começam a aprender o que é a Educação Física e o que significa ser professor nessa disciplina, através das experiências que viveram nos ensinos básico e secundário durante doze anos. Contudo, a aprendizagem dum futuro professor não se inicia com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção da habilitação para lecionar, é algo que todos os professores realizam durante toda a sua vida.

De acordo com Francisco e Pereira (2004), o EP é um momento fundamental no processo de transição de aluno para professor, conjugando-se fatores a ter em consideração na formação e desenvolvimento do futuro professor. O contacto com a realidade do ensino, tendo como fator central a ação educativa, enquanto professor estagiário, tinha como grande objetivo desenvolver competências e lidar com a realidade do contexto escolar.

O núcleo de estágio da Escola onde estávamos inseridos era composto por dois elementos, sendo este fator um desafio pois nunca tínhamos trabalhado em conjunto e o processo de estágio requer cooperação. Os objetivos de cada um de nós eram naturalmente diferentes, assim como as metodologias utilizadas, os horários de trabalho e a disponibilidade. Todos estes fatores foram influentes no desenrolar do Estágio, e permitiram que, mesmo com algumas adversidades, partilhássemos conhecimentos, reflexões e fossemos um grande suporte mútuo. Com isto potenciámos as nossas capacidades e melhorámos os nossos pontos fracos através de debates e reflexões.

Relativamente aos restantes núcleos de estágio, as relações eram pontuais devido a contingências naturais inerentes ao próprio estágio. Sempre que era possível trocávamos impressões entre núcleos, o que permitia partilharmos conhecimentos e refletir sobre o nosso processo. Esta partilha foi extremamente importante, pois desenvolvemos o nosso sentido crítico e reflexivo o que contribuiu para potenciar as nossas competências na prática pedagógica.

Segundo Piéron (1996), a orientação pedagógica é um processo que permite o aperfeiçoamento dos futuros professores no quadro da sua formação. Esta orientação

pedagógica é contínua e envolve o professor estagiário, o orientador cooperante e ainda o orientador universitário (científico).

Os orientadores, cooperante e científico foram determinantes para a adaptação, e consequente desenvolvimento, do estágio. Segundo Sousa (2010), cabe a estes, auxiliar o estagiário a encontrar a melhor forma de tornar o conhecimento adquirido, ao longo da sua formação académica, compreensível e adequado aos seus alunos. De acordo com o mesmo autor é importante que os orientadores também incentivem sistematicamente o estagiário à reflexão sobre o trabalho realizado e à perspetivação do que irá fazer nas aulas seguintes para que assim o estagiário melhore e evolua de dia para dia e aprenda com os seus próprios erros.

Entre o estagiário e os orientadores existiu sempre uma grande interação e partilha de documentos, sinónimo de trabalho em grupo e de cooperação. Todos os documentos elaborados eram enviados, corrigidos, avaliados e criticados pelos professores orientadores com o objetivo de melhorarmos a cada dia e adquirirmos novas competências. Naturalmente houve uma maior proximidade com a orientadora cooperante, contribuindo para isso o contacto diário, o que nos permitiu evoluir através dos seus *feedbacks* e ensinamentos.

O orientador científico também esteve sempre disponível quando solicitado, dando-nos sempre liberdade de decidirmos o caminho a seguir desde que devidamente fundamentado. O professor não nos direccionava num único sentido, abria-nos sim horizontes, fazendo-nos refletir sobre as diferentes possibilidades, promovendo e enfatizando a nossa autonomia e tomada de decisão.

A envolvimento com a Escola, com os professores, funcionários e restantes recursos humanos que dispõe correu de forma normal. O acolhimento que sentimos por parte de todos foi digno de registo, principalmente pelo Grupo de Educação Física. O facto de termos participado em todas as reuniões do Grupo favoreceu a integração, assim como a convivência no bar dos professores e outros espaços informais, que ajudaram igualmente na integração e na mudança de algumas formas de agir e intervir. A interação estabelecida com o Grupo de Educação Física, quer através das reuniões, quer através das atividades internas, mas também pelas atividades desenvolvidas por nós foi uma mais-valia e teve grande preponderância no nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

A diretora de turma também demonstrou sempre disponibilidade para qualquer assunto e esclarecimento de dúvidas no que concerne às atividades relacionadas com a turma, demonstrando boa capacidade de trabalho em grupo.

Consideramos que a interação que se estabeleceu com a turma foi uma experiência muito enriquecedora que proporcionou muitos momentos de reflexão e sensibilização junto de todos os alunos.

A relação criada ao longo de todo o ano foi muito boa, havendo momentos em que tivemos de ser autoritários e severos mas, no fundo, acabámos por gostar de todos os alunos que ficarão na nossa memória por muito tempo. Como é natural, não conseguimos chegar a todos da mesma forma, pois sabemos que os interesses e motivações diferem de aluno para aluno e a participação nas aulas também. De ressaltar que todos sempre foram tratados de forma equitativa, fora do contexto escolar e nas próprias aulas e sempre fomos atenciosos criando bons laços de amizade, empatia e confiança com estes alunos o que favoreceu a existência de um bom clima na aula.

Obviamente que a relação criada com cada aluno foi, inevitavelmente, diferente pois as empatias criadas diferem. Contudo, um ponto importante é que tentámos sempre, e da forma mais honesta possível, ser justos e coerentes no processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que todos demonstrassem as suas reais potencialidades e evoluíssem ao seu ritmo potenciando as suas capacidades.

2.2 Caracterização da Escola

A integração na Escola Cooperante no início do EP exigiu, da nossa parte, uma pesquisa que nos permitisse ter um conhecimento aprofundado sobre o funcionamento da mesma. Tivemos necessidade de perceber o contexto da Escola, toda a sua envolvência, objetivos e toda a sua dinâmica.

O primeiro contacto com a Escola ocorreu uns dias antes do início do EP através de uma reunião entre os orientadores (cooperante e científico) e os estagiários. A reunião desenvolveu-se no gabinete de expressões e nela foram definidos os pontos considerados essenciais para o desenvolvimento do Estágio.

Após a reunião a orientadora cooperante deu-nos a conhecer as instalações da Escola, as normas de funcionamento dos espaços desportivos e respetivos materiais, os recursos humanos com quem iríamos trabalhar e os membros do Conselho Executivo.

Após esta apresentação formal dos diversos recursos, pesquisámos o projeto educativo e regulamento interno no qual constavam todas as normas de funcionamento da escola.

A instituição que nos acolheu foi a Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros, situada na Rua dos Louros. A Escola iniciou a sua atividade no ano de 1983, como anexo da Escola Secundária Francisco Franco. No ano de 1986 passou a anexo da Escola Bartolomeu Perestrelo, passando a denominar-se Escola Preparatória dos Louros. No ano de 1989 assume a sua independência, em consequência do crescimento da população escolar, e, com este crescimento, as instalações eram insuficientes e sem capacidade de resposta para as necessidades, havendo necessidade de novas instalações que tornaram-se uma realidade no ano 2000.

Atualmente recebe alunos provenientes das diversas localidades da zona do Funchal, maioritariamente de São Gonçalo e da freguesia de Santa Maria Maior. Esta instituição é de referência para alunos surdos, uma vez que está situada junto à Escola Básica do 1.º Ciclo e Pré-Escolar Prof. Eleutério de Aguiar e faz o acolhimento destes para uma inclusão na Escola. Existem ainda outros alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), nomeadamente motoras e intelectuais. A equipa de educação especial é constituída por seis professores especializados, cuja intervenção incide no desenvolvimento de estratégias/atividades que visam a minimização das “limitações” e a promoção/desenvolvimento das capacidades específicas das crianças com NEE.

Quanto às instalações desportivas, a Escola dispõe de uma sala de convívio, várias salas de aula, uma biblioteca, vários gabinetes, papelaria, serviços administrativos, cantina e bar dos alunos. Dispõe ainda da sala dos professores e respetivo bar. Relativamente às instalações desportivas, possui um polidesportivo, um ginásio, quatro balneários para alunos (dois masculinos e dois femininos), um balneário para professores e uma arrecadação para material desportivo.

A oferta formativa nesta instituição não se limita exclusivamente aos 2.º e 3.º ciclos, uma vez que dispõe de Programas Curriculares Alternativos (PCA), Cursos de Educação e Formação (CEF) no 3.º Ciclo e Ensino Especial. Este estabelecimento de ensino tem 613 os alunos, 139 professores, entre eles 81 afetos ao quadro de escola, 48 do quadro zona pedagógica e 10 contratados. Relativamente à classe não docente, entre funcionários administrativos e auxiliares da ação educativa contabilizam-se 48 funcionários.

Existem também projetos e atividades de complemento curricular que têm como propósito dotar os alunos de mais ferramentas e meios capazes de potenciar o processo de ensino-aprendizagem, sendo determinantes também para o processo de integração e motivação de todos os alunos na comunidade.

2.3 Caraterização da turma

A caraterização geral da turma é fundamental para obtermos dados sobre a vida pessoal e familiar dos alunos e suas caraterísticas. Os dados recolhidos fornecem-nos informações e aspetos da personalidade e gostos pessoais dos alunos que, por sua vez, se tornam fundamentais para a estruturação do planeamento das aulas e do ano letivo de uma forma geral. Esta caraterização pode ser realizada através da recolha de dados por questionários, fichas biográficas e entrevistas.

É da responsabilidade do diretor de turma disponibilizar a todos os docentes o seu contexto global. Desta forma, é conveniente fazer um enquadramento socioeconómico e cultural da turma, caraterizar as diferentes étnicas, linguístico e cultural, assim como o passado escolar. Deve então caraterizar a turma em termos globais no que se refere a ritmos e modos de aprendizagem, estratégias que são mais rentáveis e promovem o sucesso, problemas de inserção e as relações intraturma (Roldão, 1995).

De acordo com Robalo (2004) a caraterização da turma é extremamente importante para os docentes, pois desta forma estes passam a conhecer melhor os seus alunos na dimensão bio-psico-social, o que irá certamente contribuir para uma potenciação do processo ensino-aprendizagem. Esta caraterização que consideramos

necessária e extremamente importante permitiu elaborarmos um instrumento de apoio na nossa ação pedagógica, visto que o sucesso pedagógico é condicionado por inúmeros fatores. Caracterizar a turma permitiu analisarmos um conjunto de fatores e variáveis sobre cada aluno e desta forma contextualizá-lo na turma.

Esta caracterização foi realizada no início do ano letivo. À partida era uma atividade sob a responsabilidade da diretora de turma. Contudo, uma vez que está prevista no EP, desenvolvemos esta caracterização e ficámos a conhecer melhor a turma e complementámos o trabalho desenvolvido pela diretora de turma. Desta forma, interferimos nas funções da diretora, mas fizemo-lo de forma cautelosa, pois o objetivo era colaborar e assim ficarmos a conhecer de forma mais aprofundada a turma com quem iríamos trabalhar.

O nosso grande objetivo era obtermos dados referentes a cada aluno que fossem relevantes no desenvolvimento de estratégias de ensino adequadas à turma, contribuindo assim para um processo de ensino aprendizagem eficaz.

2.3.1 Objetivos

❖ Objetivos Gerais

- Conhecer os alunos, seus comportamentos e atitudes;
- Perceber o ambiente em que viviam e seus percursos;
- Definir e adaptar os objetivos às características da turma;
- Definir estratégias que fossem de encontro às características da turma;
- Potenciar o processo de ensino-aprendizagem.

❖ Objetivos Específicos

- Conhecer os alunos relativamente aos seus comportamentos e hábitos escolares e desportivos;
- Perceber o meio familiar em que estavam inseridos;

- Conhecer e compreender a informação biográfica de cada aluno nas diferentes dimensões (nível socioeconómico, percurso escolar, hábitos alimentares);
- Perceber suas motivações e interesses no meio escolar;
- Compreender o relacionamento intraturma existente;
- Transmitir e disponibilizar a informação relativa aos alunos, aos restantes professores de forma a potenciar a intervenção pedagógica.

2.3.2 Metodologia

2.3.2.1 Identificação do grupo alvo

O grupo alvo da presente caracterização foi a turma 3 do 8.º ano da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos dos Louros. Era uma turma inicialmente constituída por 22 alunos, vindo posteriormente mais um aluno, totalizando os 23, sendo 13 do sexo masculino e 10 do sexo feminino e com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos (perfazendo uma média de 14 anos).

2.3.2.2 Estratégias

As fontes utilizadas para recolher informações para uma melhor caracterização da turma e para melhor definir objetivos foram as seguintes: preenchimento da ficha individual, aplicação de um inquérito por questionário e observações nas aulas. Através destas estratégias ficámos a conhecer melhor os alunos individualmente, quais são os seus gostos e hábitos, qual o seu ambiente familiar/social e que relacionamentos existiam no seio da turma. Desta forma obtivemos informações extremamente pertinentes que nos permitiram adequar e ajustar o processo ensino-aprendizagem.

a) Fontes documentais

Os dados recolhidos nas primeiras aulas estiveram relacionados diretamente com a biografia de cada aluno, nomeadamente, os dados pessoais, disciplina, ano letivo,

número de aluno, ano e turma. Ainda na ficha individual, os alunos tinham de preencher dados referentes ao encarregado de educação, morada, e respetivos nomes dos pais. Quanto à prática desportiva, os alunos tinham de responder quais os seus hábitos desportivos, assim como os dos pais, ou melhor, se praticavam alguma modalidade desportiva e se eram federados. Tiveram obrigatoriamente de referir se possuíam alguma doença.

b) Inquérito por questionário

A aplicação do inquérito através de um questionário ocorreu numa fase posterior. O objetivo era obter informações pertinentes relativas à turma que fossem úteis para as aulas de Educação Física. O inquérito foi elaborado com o intuito de obter informações específicas. Essas informações recaíam sobre:

❖ Identificação

Neste item o aluno identificava-se e definia a data da aplicação do inquérito;

❖ Agregado familiar

Aqui pretendíamos obter informações relativas às pessoas que compõem o agregado familiar, tais como o grau de parentesco, idades, as habilitações literárias, a profissão e se estas pessoas partilhavam o lar. Ainda neste ponto os alunos tinham de referir qual a situação conjugal dos pais.

❖ Deslocação

Relativamente à deslocação, os alunos registavam qual o meio de transporte que utilizavam na sua deslocação de casa para a escola e da escola para casa. Aqui poderiam referir outra forma de se deslocar para a escola, se fosse esse o caso.

❖ Hábitos alimentares

No que respeita aos hábitos alimentares o objetivo foi recolher informações sobre os hábitos dos alunos no que toca ao pequeno-almoço, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar, isto é, com que frequências tomavam as refeições referidas.

❖ Saúde

Neste item procuramos aferir se os alunos possuíam algum problema de saúde e se tomavam algum medicamento regularmente.

❖ Percurso escolar

Em relação ao percurso escolar, pretendemos determinar os respetivos percursos escolares dos alunos, aferindo se já tinham reprovado e no caso afirmativo, quantas vezes. Pretendemos também, determinar as razões que levaram ou conduziram ao insucesso escolar. Um ponto importante neste item foi aferir as notas em Educação Física no ano transato.

❖ Condições e hábitos de estudo

Procuramos saber quais os hábitos dos alunos no que respeita a horários de levantar e deitar, se se deitavam tarde e qual a razão para tal. Quisemos também saber se, os alunos estudavam sozinhos ou acompanhados, onde preferiam estudar e quando. Ainda neste ponto, tentamos clarificar se os pais se interessavam pelo estudo dos alunos e de que forma e qual a atitude dos pais perante os resultados escolares. Finalmente, quisemos saber o interesse dos pais pela Educação Física e quais as disciplinas preferidas dos alunos e as que menos gostavam.

❖ Sobre a turma

Era importante aferirmos as relações intraturma a fim de determinar quais os colegas mais solicitados para desenvolver determinadas tarefas, assim como, quais os colegas que eram preteridos pelos colegas para desenvolver tarefas.

2.4 Apresentação e Análise dos Resultados

Após a recolha dos dados referentes à turma, averiguámos que a turma era composta por 13 alunos do género masculino, 10 do género feminino e que a média de idades era de 14 anos.

Quanto à prática desportiva regular, aferimos que apenas oito alunos praticavam modalidades desportivas regularmente, sendo cinco desses federados, o que francamente achamos muito pouco atendendo à importância da prática desportiva.

Aferimos também que a maioria dos encarregados de educação são as mães e que o número de elementos que compõem os agregados familiares variavam entre os três e seis elementos, não revelando desagregação familiar. Relativamente às profissões dos pais, constatámos que eram muito variadas, não se registando muitos desempregados atendendo à conjuntura económica atual. As profissões das mães também eram muito variadas tal como a dos pais, salientando que apenas uma mãe estava desempregada. A maioria das profissões era modesta, tanto a dos pais como a das mães, registando-se poucos casos com formação superior.

A deslocação para a escola era feita de diversas formas, destacando-se o autocarro. Em relação à alimentação verificámos que a maioria ingeria as três refeições diárias mais importantes, demonstrando a importância atribuída à nutrição. O lanche da manhã e da tarde era ingerido por poucos alunos, pensamos nós que por opção.

No que diz respeito a problemas de saúde, aferimos que cinco alunos apresentavam problemas de saúde e que quatro deles tomavam medicação regularmente, não interferindo no seu desempenho nas aulas de Educação Física.

Quanto ao percurso escolar é que deparámo-nos com um cenário preocupante, pois mais de metade da turma era repetente com reprovações que variavam entre uma a três vezes. Tivemos alunos que foram transferidos de outras instituições de ensino por apresentarem comportamentos de desvio preocupantes.

Relativamente às condições e hábitos de estudo, constatámos que a maioria estudava sozinho e preferencialmente em casa, que metade da turma só estudava para os testes, que alguns estudavam com regularidade e ainda tínhamos dois alunos que só estudavam quando eram obrigados a tal. Um dado importante de referir é que a totalidade dos pais interessava-se pelos estudos dos filhos, embora o fizessem de diferentes formas, demonstrando interesse pelo percurso e sucesso dos seus educandos. Obtivemos um dado desolador, seis pais não demonstraram qualquer interesse pela Educação Física, demonstrando não compreender a importância dessa disciplina no desenvolvimento integral e harmonioso dos alunos.

Um dado importante é que a matemática está no topo das disciplinas preferidas e das menos preferidas, enquanto a Educação Física está também no topo das preferidas, e infelizmente, também se encontra nas menos preferidas. Considerámos preocupante que os alunos preterissem a Educação Física, o que certamente foi e deverá continuar a ser alvo de reflexão por parte de todos os agentes de educação.

No que diz respeito às relações interpessoais, verificámos que alguns alunos eram populares no seio da turma ao ponto de serem solicitados para desenvolver qualquer tarefa, havendo dois colegas que nunca eram escolhidos para desenvolver trabalho de grupo. Logo de início, constatámos que existiam grupos dentro da turma formados por afinidades.

2.4 Considerações Finais

Após a caracterização da turma, passámos a conhecer melhor os alunos, quais os seus gostos, as suas motivações e interesses. Estes conhecimentos foram transmitidos a todos os professores em conselho de turma na qual constavam todas as informações recolhidas. Consideramos que esta recolha de informação foi útil para todos os professores da turma e com este conhecimento foi possível planearmos de forma mais

coerente, adaptando melhor o processo de ensino-aprendizagem às características dos alunos.

Consideramos que esta recolha de informação referente aos alunos foi extremamente útil, pois desta forma dispusemos de informação pertinente que nos levou a compreender as atitudes e comportamentos dos alunos, ajustando assim as estratégias à realidade e contexto da turma.

Procurámos estabelecer laços com toda a turma, mesmo fora do contexto da leção, que nos permitiu estabelecer um relacionamento cordial e de empatia que consideramos ser potenciador do processo de ensino-aprendizagem. Após esta experiência, concluímos que os alunos apreciavam o bom clima das aulas, assim como o excelente relacionamento existente com o professor. Não nos podemos esquecer de referir que alguns alunos apresentavam comportamentos que nem sempre favoreciam a relação de empatia, mas foram situações pontuais, talvez devido ao ambiente familiar e ao contexto social em que viviam.

A caracterização da turma foi apresentada ao conselho de turma na primeira reunião intercalar. A reunião iniciou-se com a nossa apresentação na qual expusemos os dados relativos à turma, em Power Point. A apresentação foi muito breve e concisa, pois o objetivo era transmitir sucintamente todas as informações recolhidas que fossem pertinentes. Nesta reunião também assistimos a uma apresentação por parte da diretora de turma que facultou-nos mais algumas informações que alargaram o conhecimento que detínhamos dos alunos.

Como a ficha individual e o questionário foram elaborados de acordo com as informações que pretendíamos recolher, consideramos que as informações transmitidas foram úteis e pertinentes para todos os docentes. Consideramos igualmente que o processo de transmissão da informação foi eficaz e disponibilizamo-nos para facultar toda a informação ao corpo docente presente na reunião.

3. Prática Letiva

3.1. Gestão do processo de ensino-aprendizagem

De acordo com a Lei Constitucional nº1/2005 de 12 de agosto, Artigo 73.º- (Educação, Cultura e Ciência) da Constituição da República Portuguesa, “ Todos têm direito à educação e à cultura”. Assim, “O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade (...), para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva.”

O processo de educar é da responsabilidade de todos os agentes educativos envolvidos no processo e da própria escola. Como nos refere Costa (s/d), a Escola deve centrar-se no desenvolvimento do educando desenvolvendo estratégias que tornem o processo educativo prazeroso e desafiador. Ainda de acordo com Costa (s/d, p.7), “A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) ”.

Paralelamente Rosado (2011, p. 10) adianta que “a educação é sempre um projecto de educação integral. Esta mesma responsabilidade deve ser partilhada pelo sistema desportivo...”. A educação deve atender não só à formação do Homem em sentido restrito, mas sim à sua formação global, contribuindo para que haja uma igualdade de oportunidades baseada no respeito, na diversidade e no pluralismo.

Por outro lado Abrunhosa (2008) defende que a educação constitui-se como uma das principais tendências para a perpetuação do sistema democrático. A educação não se pode limitar a um período da nossa vida, deve sim, adquirir um carácter permanente. Para promovermos um processo de educação permanente, global e integrador, devemos fomentar uma responsabilidade partilhada. Logo, a educação para a cidadania deve ser da responsabilidade de qualquer educador em geral e, em particular, de qualquer professor.

Para Jacinto, Comédias, Mira e Carvalho (2001) a Educação Física tem como finalidade melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades do aluno. Promove, igualmente, a aprendizagem de conhecimentos que elevam e mantêm as capacidades físicas orientando para um desenvolvimento multilateral e harmonioso dos alunos.

Deste modo a Educação Física e o Desporto desempenham um papel muito importante não só no desenvolvimento físico, mas, também no desenvolvimento pessoal, social e moral dos alunos (Rosado, 2011). Neste sentido, o professor desempenha igualmente um papel importante e aquele que compreende a dinâmica cultural e política da escola, do estudante e das comunidades onde estes se integram e se relacionam melhor com estes conseguem melhores níveis de empenhamento dos mesmos (Banks, 2002, citado por Rosado & Ferreira, 2011).

Como nos refere Almada e colaboradores (2008, p.38) “...o processo pedagógico é parte integrante de um todo complexo que se regenera e actualiza numa dialéctica das partes e que não pode ser pensado e reformulado sem se perceber a actuação que poderá ter...”. É então importante formar quadros capazes de operacionalizar, saber quais os objetivos que temos a atingir, quais os instrumentos que melhor se adequam e saber naturalmente quais as dinâmicas que se adequam ao contexto e se são naturalmente possíveis. De acordo com os mesmos autores, o processo pedagógico vive de dinâmicas com a intencionalidade de atingir um objetivo específico devidamente identificado.

Foi neste contexto que desde o início da prática letiva desenvolvemos um trabalho de pesquisa no sentido de termos um conhecimento profundo de todos os recursos disponíveis para, desta forma, planear, organizar e potenciar todo o processo de ensino-aprendizagem. Pretendemos, assim, potenciar as capacidades dos alunos tendo em consideração o contexto em que estávamos inseridos.

Segundo Almada e colaboradores (2008, p.39) “O estudo e a análise do contexto social em que nos integramos e das necessidades e problemas que em consequência enfrentamos é, evidentemente, fundamental para definir os objetivos que devem ser visados e as estratégias mais eficientes a desenvolver em resposta a estes problemas”. Por isso, todas as tomadas de decisão tiveram uma intencionalidade, que consistia em proporcionar um conjunto de vivências e experiências aos alunos tendo como guia o Programa Nacional de Educação Física (PNEF).

3.2 Planeamento

“As consequências para a planificação e realização do ensino são evidentes. As perspectivas do professor e dos alunos devem «ajustar-se», o professor deve desenvolver empatia para a perspectiva dos alunos, para as suas capacidades, interesses e metas” (Bento, 2003, p.11).

Ainda de acordo com Bento (1987) planificar significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização, é apreender o mais possível, as estruturas e linhas orientadoras das tarefas e processos pedagógicos.

Quando se fala em planeamento pensamos no futuro e como será. Se for bem organizado, o planeamento é uma importante ferramenta, tanto como organização pessoal como também profissional. Na educação, o planeamento e a didática caminham juntos, sendo difícil um funcionar sem o outro (Carvalho et al., 2011).

Para Padilha (2001) planear visa os meios e os fins, entre recursos e objetivos, com o intuito de melhorar o funcionamento do sistema educativo, significando a apresentação sistemática das decisões tomadas relativamente à ação a tomar.

Alguns aspetos são indispensáveis no processo de planear. Devemos considerar esses aspetos (conhecimento da realidade, as necessidades que temos de trabalhar, definição dos objetivos, meios e recursos para que nada falte na hora da execução) no planeamento educacional no sentido de atingir os propósitos da educação e reconhecer o contexto em que está inserido o indivíduo. Como nos refere Oliveira (2007, p.21, cit. por Carvalho e colaboradores, 2011) “planejar é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meios se pretende agir”.

No que diz respeito a este ponto, o facto de termos desenvolvido um planeamento anual foi o fio condutor de toda a atividade letiva.

Um outro aspeto importante foi a capacidade de reformular e ajustar o que desenvolvemos, para que os exercícios estivessem adequados ao contexto, às características e às necessidades dos alunos. Em alguns momentos tivemos de ajustar os conteúdos a lecionar devido ao “roulement” das instalações desportivas, situação que não teve qualquer implicação negativa na lecionação.

3.2.1 Planeamento Anual

Para um processo de ensino-aprendizagem adequado e eficaz é importante conceber um planeamento e preparar o ensino, passando, naturalmente por um adequado interajustamento do plano anual, dos planos das unidades de matéria e do projeto de cada aula (Bento, 2003).

Com o intuito de planear e desenvolver o trabalho com a turma tínhamos para a realização do EP, passámos à elaboração do planeamento de modo a podermos ajustar o processo ensino-aprendizagem mediante as características dos alunos. Segundo Bento (2003) o planeamento anual de ensino é uma necessidade objetiva e para um ensino eficiente são necessárias reflexões estratégicas que balizam toda a ação e intervenção durante todo o ano letivo.

Segundo Jacinto e colaboradores (2001), “...o plano de turma deverá considerar a organização geral do ano lectivo em etapas, ou seja, em períodos mais reduzidos de tempo que facilitem a orientação e regulação do processo de ensino-aprendizagem.” Ainda de acordo com os mesmos autores, a organização das diferentes etapas deve considerar o calendário escolar, as características das instalações disponíveis e o seu “roulement”, bem como as condições climatéricas que se fará sentir ao longo do ano, procurando potenciar o processo de ensino-aprendizagem e conseqüente sucesso dos alunos.

A elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino, consiste num conhecimento aprofundado dos objetivos de desenvolvimento de personalidade e traduz uma reflexão acerca da organização do decurso do ensino ao longo do ano letivo (Bento, 2003).

Piéron (1996, p.33) considera que “uma planificação criteriosa e reflectida constitui uma determinante da qualidade do ensino.” Ainda de acordo com o mesmo autor, esta planificação ultrapassa a simples escolha das atividades para determinar os objetivos.

A primeira tarefa que concretizámos foi consultar o Programa Nacional de Educação Física (PNEF) que foi utilizado como guia durante todo o ano, servindo-nos, naturalmente, de base para o planeamento anual. Passámos então para a elaboração do plano anual da turma, no qual projetamos as matérias a lecionar bem como os respetivos objetivos. A seleção das matérias a abordar em cada ano e em cada período é definida

pelo grupo disciplinar de Educação Física. No entanto, como estávamos num processo experimental, em conversação com a orientadora cooperante decidimos abordar várias matérias em cada período, pois um dos objetivos era lecionar o máximo de matérias que nos permitisse dotar de mais competências, sem descurar obviamente e até dando especial ênfase às matérias escolhidas pelo Grupo. De salientar que as decisões tomadas por nós foram sempre debatidas e refletidas com os orientadores de forma a evitar quaisquer litígios no Grupo Disciplinar.

Este planeamento, do qual constava a distribuição das matérias ao longo do ano letivo, foi elaborado de acordo com as diretrizes definidas pelo PNEF para o 3.º Ciclo. De referir que não o analisámos de forma rígida, visto que devemos adaptar o processo de ensino-aprendizagem ao contexto onde vamos intervir. Também tivemos em atenção os conteúdos e competências definidos pelo Grupo para o 8.º ano.

Após uma preparação inicial que incidiu sobre um conhecimento aprofundado dos alunos através da aplicação da ficha biográfica e o inquérito, tivemos como objetivo apurar os dados mais pertinentes sobre eles, para passarmos à avaliação diagnóstica que permitiu aferirmos o nível em que se encontravam. Bento (2003) afirma que é particularmente importante para o planeamento a análise da situação de cada turma nos seguintes aspetos: Estrutura social da turma, nível educativo nos quais se destacam as atitudes, valores, interesses, necessidades, comportamento, disciplina, cooperação e sentido de responsabilidade, o desenvolvimento corporal e, finalmente, as atividades desportivas extraescolares praticadas pelos alunos.

A caracterização dos alunos, através da avaliação diagnóstica inicial, permitiu aferirmos o nível em que se encontravam, quais as dificuldades que apresentavam, quais as suas motivações e interesses, criando assim um ponto de partida para a construção do planeamento anual da turma. Ainda na avaliação inicial, através da observação foi possível avaliar os comportamentos dos alunos perante as diferentes situações impostas, que tipo de relacionamentos e grupos existiam na turma.

Na avaliação diagnóstica desenvolvemos uma avaliação com recurso a ficha de observação, através da qual observámos a prestação dos alunos em diversas matérias de ensino. As matérias que observámos foram as escolhidas para lecionar durante o ano letivo, tendo em consideração os condicionamentos de recursos e como é óbvio, o PNEF.

As matérias nucleares propostas pelo PNEF (2001) são as seguintes:

Categoria A - Futebol, Voleibol, Basquetebol e Andebol;

Categoria B - Ginástica no Solo, Ginástica de Aparelhos e Acrobática;

Categoria C - Atletismo: Corridas; Saltos e Lançamentos;

Categoria D – Patinagem;

Categoria E – Dança;

Categoria F – Raquetas;

Categoria G – Outras (Orientação, Luta, Natação, Ginástica Rítmica, etc).

De acordo com as diretrizes do PNEF (2001) lecionámos as seguintes matérias:

Categoria A - Futebol, Voleibol, Basquetebol e Andebol;

Categoria B - Ginástica no Solo e Ginástica de Aparelhos;

Categoria C - Atletismo (Corridas, Saltos e Lançamentos);

Categoria E – Dança (Danças sociais e Danças modernas);

Categoria F – Raquetas (Badminton e Ténis de Mesa);

Categoria G – Outras (Orientação e Luta).

Optámos por abordar este leque variado de matérias com o propósito de proporcionarmos uma grande variedade de experiências solicitando uma grande variedade de comportamentos orientados, tendo como meta atingirmos os objetivos propostos. A escolha sobre estas matérias também foi influenciada, como referido anteriormente, pelos recursos disponíveis, pelos interesses e motivações e também com o intuito de promover matérias que os alunos nunca tinham abordado e necessitavam experienciar. Tivemos também a intencionalidade de solicitar uma grande variedade de comportamentos que fossem posteriormente induzidos. De ressaltar que, os alunos nunca tinham experienciado algumas matérias nucleares e nós proporcionámos essa experiência aos alunos, mesmo com algumas condicionantes e dificuldades. De salientar, igualmente, que nem todas as matérias tiveram o mesmo peso temporal, fruto da distribuição das instalações desportivas que restringia em termos de disponibilidade temporal.

As diferentes matérias abordadas foram selecionadas de acordo com a instalação desportiva disponível, com os materiais disponíveis, com as afinidades entre elas e que

solicitassem uma grande variedade de comportamentos a induzir. Em algumas matérias nucleares, deparamo-nos com fortes resistências por parte dos alunos. Para que a abordagem fosse possível, tivemos de ser persistentes utilizando pontualmente o estilo de ensino de comando e em outras situações recorrermos a meios audiovisuais na tentativa de motivar os alunos, pois estes apresentaram muitas resistências, e em alguns casos recusaram-se a desenvolver as tarefas propostas.

Na parte inicial de grande parte das aulas utilizámos, para ativação músculo esquelética as capacidades motoras condicionais (coordenação), e na maioria das aulas utilizámos jogos pré desportivos e jogos lúdicos como introdução para as matérias a abordar em cada aula. Na parte fundamental da aula desenvolvemos os conteúdos definidos pelo PNEF havendo necessidade de improvisar alguns materiais para a abordagem de algumas matérias. Na parte final, após um retorno à calma, desenvolvemos as capacidades motoras condicionais (força superior e força média), terminando as aulas com alongamentos (flexibilidade) e com uma breve reflexão sobre os conteúdos abordados.

❖ **1ª Etapa: Avaliação Diagnóstica e revisão das matérias/aprendizagens anteriores**

Esta etapa incidiu na avaliação diagnóstica das matérias que iríamos lecionar com o objetivo de determinar as competências, dificuldades e motivações dos alunos nas mesmas. Esta recolha de informação serviu para definirmos e selecionarmos os conteúdos a abordar, bem como quais as estratégias a seguir com o objetivo de potenciarmos o processo de ensino-aprendizagem, assim como a gestão da aula. Com esta recolha de informação pretendemos criar um ambiente adequado de acordo com as características e necessidades de todos os alunos, tal como afirma Rink (1996, cit. por Mesquita & Graça, 2011, p.43) que “os professores eficazes criam um ambiente para a aprendizagem”.

De salientar que, nalgumas das matérias e conteúdos definidos por nós que iríamos lecionar, não fizemos avaliação diagnóstica porque os alunos simplesmente não tiveram qualquer contacto com as mesmas. Logo, os alunos estavam a partir do ponto zero e, consequentemente, encontravam-se no nível introdutório. Nesta fase procurámos rever

as matérias e as aprendizagens resultantes do processo dos anos anteriores, ao mesmo tempo que proporcionámos novas aprendizagens aos alunos.

Uma das estratégias utilizadas desde o início foi a criação de grupos homogéneos, e foi então que definimos que iramos criar dois grupos numa primeira abordagem à turma, revelando-se uma estratégia eficaz pois na turma existiam claramente dois grupos heterogéneos. Com o passar do tempo e com a evolução de alguns alunos que foi, de facto, notória, fomos integrando esses alunos no grupo dos mais proficientes.

❖ **2ª e 3ª Etapas: Revisão, Promoção/Introdução e consolidação das matérias**

Estas etapas consistiram na revisão de matérias abordadas na 1.ª etapa, assim como nos anos anteriores. Os alunos também foram sujeitos a novas experiências até então desconhecidas e foram igualmente introduzidos novos conceitos e conteúdos sempre de acordo com o Programa Nacional de Educação Física (PNEF).

Aqui nunca descurámos as aprendizagens anteriores com o objetivo de que fossem bem consolidados esses conteúdos. Damos sempre importância à consolidação dos conteúdos abordados desde o primeiro dia e ao longo do ano, podendo, assim, acumular aprendizagens potenciando as suas capacidades e competências. De frisar que nestas etapas todos os conteúdos abordados não foram de forma isolada e independente mas em jeito de complementaridade e sempre numa sequência lógica, do menos complexo para o mais complexo, solicitando uma grande variedade de comportamentos ao mesmo tempo que são consolidados.

3.2.2 Unidades Didáticas

A elaboração das Unidades Didáticas (UDs) foi o passo seguinte no planeamento do processo ensino aprendizagem. As UD's caracterizam-se por serem o documento orientador de toda a prática de ensino, as quais contêm as informações consideradas pertinentes ao desenvolvimento de todas as atividades de ensino e de aprendizagem para que o processo de ensino-aprendizagem seja eficaz.

Siedentop (2010) afirma que o planeamento de uma UD tem de seguir uma linha, deve prever uma continuidade entre as diversas aulas e deve ser estruturada seguindo a lógica dos objetivos e conteúdos. Refere ainda que na UD deve estar incluído os recursos materiais, espaciais e temporais, as estratégias metodológicas e a organização das aulas.

Segundo Carmona (2012, p.56) “As Unidades Didáticas são um instrumento que ajuda a organizar aprendizagens e articular conhecimentos. Estas são desenvolvidas segundo um tema e incluem todos os domínios de aprendizagem das várias áreas curriculares”.

Paralelamente, Rosado (1999, p.8) refere que as UD's “são um conjunto de aulas cuja unidade se constrói em torno de uma função didáctica”. Ainda de acordo com o mesmo autor, uma UD não deixa de ser uma unidade de ensino, pelo que se agrupam as aulas de acordo com o critério de semelhança.

Unidade Didática segundo Pais (s/d, p.2), remete, “do ponto de vista da conceção do processo ensino/ aprendizagem, para uma realidade técnico-didática baseada num conjunto de opções metodológico-estratégicas que apresentam como fundamentos técnicos de base: uma forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático (entendido como sequenciação didática) com o fator tempo (concebido como entidade biunívoca de relação entre tempo de ensino e tempo de aprendizagem) ”.

Para Bento (2003, p.75) as UD's são partes essenciais do programa de uma disciplina, constituindo “unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem”.

Como bem sabemos a elaboração de uma UD pode obedecer a várias sistematizações, sendo de capital importância reunir as informações necessárias ao docente no sentido de desenvolver um processo ensino-aprendizagem eficaz. Deve

então reunir as informações pertinentes e de forma sistematizada que torne o documento operacional.

Como no primeiro ano de Mestrado tivemos oportunidade de elaborar UD's, desenvolvemos competências no sentido de elaborar e estruturar UD's com informações que consideramos necessárias e úteis para uma boa operacionalização. De referir que após a estruturação das mesmas a sua aplicação não foi rígida, ocorrendo alterações em função de alterações de contextos, tais como novos conhecimentos dos alunos, as necessidades apresentadas por estes, suas motivações e interesses e por algumas limitações nos recursos materiais.

Na elaboração das UD's reunimos as informações necessárias, sendo a sua estrutura definida da seguinte forma:

- **Introdução:** Neste ponto definimos os objetivos referentes à etapa em causa, o modelo de lecionação e que matérias irão ser abordadas.
- **Calendarização:** Definimos o calendário das aulas de Educação Física tendo em consideração o calendário escolar.
- **Cronograma das matérias:** Aqui situamos as matérias a lecionar no espaço temporal dedicado à UD.
- **Cronograma dos conteúdos:** Situamos as matérias, os conteúdos e estratégias metodológicas destinados a cada aula, referindo o dia, número da aula e a respetiva duração.
- **Justificação das matérias e estruturação dos conteúdos:** Neste ponto justificamos a escolha das matérias e conteúdos, referindo que esta escolha foi da responsabilidade do professor tendo como base o PNEF. As matérias a abordar foram as nucleares para o 3.º Ciclo assim como as alternativas, tendo em conta os recursos materiais e espaciais disponíveis.
- **Estratégias metodológicas:** Foram apresentadas as estratégias a desenvolver no seio da turma.

- **Avaliação:** Neste ponto foram apresentados os domínios a avaliar, assim como, os diferentes tipos de avaliação a que os alunos foram sujeitos.

As UD's elaboradas eram o nosso documento orientador e foram estruturadas de forma a serem operacionais para nós, e, consideramos que nelas constavam todas as informações pertinentes pois ao serem consultadas fazíamos uma leitura e interpretação claras do que lá estava.

Durante o ano letivo elaborámos três UD's, uma por cada período respetivamente. Na primeira UD tivemos como objetivo realizar as avaliações diagnósticas nas diferentes matérias, rever conteúdos abordados em anos anteriores e introduzir e desenvolver matérias nunca abordadas pelos alunos. Como nos refere Rosado (s/d), “a 1ª fase do ano é a etapa de revisão e avaliação inicial”. Logo, optámos por abordar todas as matérias a serem lecionadas ao longo do ano letivo.

A UD2 reportou-se ao 2.º Período e correspondeu à segunda etapa de trabalho. Aqui foi elaborado um plano para os alunos de acordo com as suas competências, já existindo “uma maior individualização e respeito por ritmos diferenciados de aprendizagem” Rosado (s/d). Nesta etapa incidimos nas matérias abordadas e revistas na primeira etapa, pois as aquisições de uma etapa são objeto de atenção nas etapas seguintes (“ciclos de revisão, de aperfeiçoamento e de consolidação”).

A UD3 reportou-se ao 3.º Período e correspondeu à terceira e última etapa de trabalho. Esta etapa baseou-se na continuação da anterior respeitando os ritmos diferenciados de aprendizagem. Nesta etapa foram abordadas as matérias trabalhadas e revistas na primeira e segunda etapas sendo ainda introduzidos novos conteúdos em cada uma das matérias.

3.2.3 Planos de Aula

Para Bento (2003, p.101) “A aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da acção do professor”. Ainda de acordo com o mesmo autor, a aula é sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino. É por isso que o professor tem de ter um plano de aula, a forma como vai decorrer, objetivos gerais e

parciais/intermédios, ordenamento da matéria, pontos fulcrais da aula, tarefas didáticas e procedimentos metodológicos.

Os planos de aula têm como objetivo preparar uma matéria para um determinado período de tempo, no qual devem constar os objetivos, meios a serem utilizados e controlo dos resultados (Sarmiento et al.,1998). Neste sentido, toda a aula tem de ser pensada e confrontada profundamente com questões que se prendem com a sua preparação.

Os planos de aula constituem o planeamento a curto prazo sendo o instrumento que deve ser utilizado para prever o desenrolar da mesma. O plano de aula e a sua especificidade devem ser uma extensão da UD, devem, portanto, ter em conta o que foi planeado e programado na UD para essa aula.

O nosso plano de aula, desde o início, sempre apresentou a mesma estrutura, estrutura que consideramos ser perceptível e operacional. No cabeçalho encontrávamos a referência da UD, dados da instituição de ensino, dados da turma e identificação do professor. Encontrávamos ainda o número da aula, a hora e a data em que esta decorreu, o material necessário para a aula e os objetivos gerais.

A estrutura do plano estava dividida em três partes: parte inicial, parte fundamental e parte final. Como nos refere Bento (2003, p. 152) “A aula de Educação Física, assim como todas as formas de ensino ou de exercitação em desporto e como qualquer outra sessão de ensino racionalmente organizada, estrutura-se normalmente em três partes: parte preparatória, parte principal e parte final”. Cada uma destas partes apresentava uma estrutura tripartida que era a seguinte: conteúdos, condições de realização e critérios de êxito (Correia, 2012). Os critérios de êxito equivaliam aos objetivos específicos definidos para cada aula e eram esses objetivos que pretendíamos que em cada aula os alunos atingissem.

Esta estrutura foi utilizada durante todo o ano pois considerámos que era uma estrutura adequada, pragmática e de fácil interpretação para a nossa atuação. Durante todo o ano a elaboração dos planos de aula sempre foi uma tarefa reflexiva, no sentido de procurar tornar o ensino o mais eficaz possível. Para tal, a seleção dos exercícios foi sempre um fator criterioso, tendo sempre em atenção a organização da aula, segurança e

integridade física dos alunos, coerência com o nível dos alunos e sempre adotando uma estratégia que aproximasse ao máximo a aula da realidade do jogo.

Ao longo dos anos, o jogo tem sido ensinado de diferentes maneiras, transitando de perspectivas moleculares, as quais assentam no ensino de elementos técnicos de forma analítica, para abordagens mais holísticas, as quais incidem sobre o ensino dos jogos pela compreensão do jogo e tomada de decisão tática (Mesquita, 2000, cit. por Graça & Mesquita, 2011).

O modelo de ensino dos jogos adotado nas aulas foi baseado na perspectiva global/holística e de forma ecológica e, para isso baseámo-nos, no ensino do jogo pela compreensão. Como nos refere Prudente (2011), “neste modelo, que parte de noções tácticas elementares (noção defesa-ataque; ocupação racional do espaço... e num constante apelo ao desenvolvimento de uma correcta percepção do jogo pelos alunos), os jogos são apresentados numa perspectiva global...”. Mas nem sempre os alunos estão preparados para construir as suas próprias aprendizagens, principalmente quando são confrontados com conteúdos novos (Rink, 2001). Nestes casos, e pontualmente, partimos de situações analíticas apenas para que os alunos tivessem uma orientação e percebessem qual o caminho a seguir.

Para o ensino das modalidades individuais, tínhamos em atenção as características individuais de cada aluno, pois como nos refere Lopes (2012), “nos desportos individuais esperamos ver um individuo concentrado em si”, com domínio de si próprio.

No ensino do Atletismo, algumas das disciplinas nunca tinham sido abordadas pelos alunos, pelo que o nosso objetivo foi promover a prática vivenciando novas experiências. Os alunos nunca tinham desenvolvido lançamentos (peso, dardo e disco) e algumas das corridas, como por exemplo, corridas de barreiras, estafetas e corrida de velocidade com partida de blocos. Na disciplina dos saltos, os alunos nunca tinham desenvolvido o salto em altura, salto em comprimento e o triplo salto. O que nós fizemos foi promover estas aprendizagens recorrendo, em alguns casos, a materiais improvisados, sempre com o objetivo de solicitar comportamentos que levassem os alunos a perceber as relações. Nos Desportos de Combate e na dança pretendemos que os alunos percebessem o seu corpo e sua relação com o meio e seus colegas.

Na parte inicial da aula, após a receção aos alunos e respetiva chamada, transmitimos sempre os conteúdos que iriam ser lecionados, assim como, os objetivos para a aula. Ainda, na sua parte inicial, desenvolvíamos com frequência jogos pré desportivos ou jogos lúdicos enquadrados com os conteúdos da aula. Habitualmente, e na parte fundamental antes de passarmos aos jogos reduzidos/formais, desenvolvíamos formas de jogo simplificadas e jogos condicionados (Mesquita, 1995, cit. por Gouveia, 2011). Ainda nesta parte desenvolvíamos as capacidades motoras condicionais (força superior e força média) por forma a potenciar essas capacidades pois essas eram posteriormente aferidas no teste *Fitnessgram*.

Na parte final desenvolvíamos, dentro das capacidades motoras condicionais, a flexibilidade. Terminávamos a aula com uma reflexão sobre os conteúdos abordados e, se fosse necessário, com uma chamada de atenção sobre os comportamentos menos positivos e positivos.

3.2.4 Avaliação

Como nos refere Rosado e Silva (2013) nunca falámos tanto de avaliação como atualmente. De facto, esta é uma matéria que não está devidamente amadurecida no discurso e nas práticas profissionais, quer na compreensão dos conceitos básicos e às modalidades e funções da avaliação, assim como nos aspetos da sua aplicação nas situações concretas de ensino-aprendizagem.

Segundo Bento (2003) a análise e a avaliação são tão importantes como a planificação e a realização do ensino devendo ser tarefas centrais de cada professor. A análise e avaliação implicam uma reprodução mental devendo recorrer-se ao registo escrito daquilo que se passou durante o ensino e avaliação da qualidade. Para que a avaliação seja eficaz é extremamente importante o trabalho de reflexão aprofundado, quer seja do desempenho dos alunos quer da atividade pedagógica do professor.

De acordo com Graça e Mesquita (2011) a avaliação não suspende o processo de aprendizagem pelo que também são oportunidades para os alunos aprenderem e exercitarem os resultados desejados e, desta forma, obterem *feedbacks* sobre o desenvolvimento das aprendizagens. A avaliação dos alunos deverá sempre ocorrer em contexto real e deverá incidir sobre aspetos de atuação.

Haydt (2003, cit. por Marques & Lima, 2011) aponta quatro princípios básicos da avaliação. Primeiro diz que é um processo contínuo e sistemático; diz que é um processo funcional porque se realiza em função dos objetivos previstos; a avaliação é orientadora pois é um indicador dos avanços e dificuldades dos alunos e, por último, a avaliação é integral pois considera o aluno como um ser integrado.

Bento (2003, p. 182) afirma que “Em nosso entender *análise do produto e análise do processo* complementam-se uma à outra”. O mesmo autor frisa que um produto só surge, geralmente, por meio de um processo, sendo indispensável, o seu exame cuidadoso. No nosso processo de avaliação demos sempre maior ênfase ao processo do que ao produto, processo este que deve estar centrado no aluno e não no professor (Lopes, 2012). O nosso objetivo foi avaliar todas as ações que decorreram ao longo do ano por forma a desenvolver uma avaliação do processo ensino-aprendizagem eficaz.

Durante o ano letivo fomos avaliados e avaliadores. Enquanto alunos fomos avaliados pelo nosso desempenho e *performance* e, enquanto avaliadores analisámos e avaliámos o desempenho dos alunos. Também desenvolvemos uma autoavaliação sistemática ao longo do ano letivo, através da realização de balanços após todas as aulas. Como nos refere Bento (2003, p. 174) “A reflexão posterior à aula, o controlo e análise do processo de ensino e do rendimento dos alunos, constituem um domínio no qual se passa em revista a sua planificação e realização. Através desta análise determina-se o grau de realização dos objetivos, das intenções educativas e metodológicas, e inventariam-se os resultados mensuráveis da acção de aprendizagem dos alunos”.

Como nos refere Fernando (2012) todo o processo de ensino-aprendizagem deve ser alvo de análise e respetivo diagnóstico, prescrição e controlo por forma a potenciar todo o processo.

Durante todo o ano letivo, procurámos sempre desenvolver uma avaliação coerente seguindo a estratégia de valorizar mais o processo do que o produto. Não foi um processo simples porque tínhamos de analisar, diagnosticar e prescrever com o objetivo de controlar e avaliar. Com o passar das aulas este processo foi-se descomplexificando com o conhecimento que detínhamos sobre as competências dos alunos.

Após cada aula desenvolvíamos uma reflexão com a orientadora cooperante. Este espaço de debate proporcionou-nos reflexões que nos permitiram a aquisição de novas competências, levando igualmente a mudanças de estratégia em determinadas situações. Consideramos que as reflexões foram extremamente benéficas no processo de ensino-aprendizagem levando-nos a adquirir novas competências e a desenvolver as nossas capacidades potenciando assim a nossa formação e o processo de aprendizagem enquanto professor estagiário.

Com o objetivo de desenvolver uma avaliação coerente e o mais eficaz possível, avaliamos os alunos ao longo do ano letivo no domínio sócio afetivo, psicomotor e cognitivo.

3.2.4.1 Avaliação Diagnóstica

Segundo o PNEF, na elaboração do plano de turma devemos ter em consideração a avaliação inicial e ir reajustando o plano de acordo com as informações decorrentes da avaliação contínua.

Também Ribeiro (1999, cit. por Ferreira, 2005) refere que a avaliação diagnóstica pretende aferir a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de clarificar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. A mesma autora esclarece que é incorreto desenvolver avaliações diagnósticas somente no início do ano lectivo. A avaliação diagnóstica é fundamentalmente utilizada no início de novas aprendizagens, não estando ligada a qualquer período temporal.

Neste sentido, a avaliação inicial consistiu em recolher informações sobre as capacidades/competências e limitações dos alunos nas matérias a serem lecionadas, e com isso determinar o nível em que se encontravam. Definimos situações critério para avaliar os diferentes níveis (protocolo de avaliação técnica), definir o nível da turma, definir grupos por nível e detetar os alunos potencialmente críticos.

Para desenvolver esta avaliação nas diferentes matérias utilizámos fichas de registo. Para os Jogos Desportivos Coletivos (JDC), mais precisamente os jogos de invasão (Futebol, Andebol e Basquetebol), utilizámos uma ficha adaptada de Graça e

Oliveira (1998). Nessa constavam aspetos relacionados com o coletivo, pois na avaliação pretendemos avaliar as características, desempenho dos alunos, a interpretação e compreensão do jogo. Desde o início não valorizámos muito o aspeto técnico, pretendemos que os alunos compreendessem o jogo e desenvolvessem ações em jogo com constante oposição. Ainda nos JDC (Voleibol), como não é modalidade de invasão, optámos por desenvolver outra ficha de observação e, nesta sim, valorizámos os aspetos técnicos, pois nesta modalidade os aspetos técnicos são muito importantes e determinam sobremaneira o desempenho e a *performance*. Para os desportos de raquete (Badminton e Ténis de Mesa) utilizámos também uma ficha de observação que permitiu-nos registar os aspetos técnicos, a par do que sucedeu com a avaliação diagnóstica de voleibol.

Para a Ginástica de solo e de aparelhos, utilizámos uma ficha elaborada de acordo com o PNEF (2001), na qual registámos se os alunos realizavam os elementos gímnicos definidos pelo PNEF para o 3.º Ciclo, se realizavam com dificuldade ou se não realizavam.

Para o atletismo, desenvolvemos uma ficha para avaliar os alunos nas corridas, nos saltos e nos lançamentos. Para elaborar a ficha de registo baseámo-nos nos apontamentos de Didática III lecionada pelo Prof. Doutor Helder Lopes. Nas corridas aferimos se os alunos ajustavam a frequência e amplitude da passada e se percebiam a relação existente entre as duas (Lopes, 2012). Nos saltos observámos a estrutura rítmica dos alunos para a realização dos saltos e registávamos se realizavam os saltos, se realizavam com dificuldade ou se não realizavam. Ainda nesta avaliação diagnóstica, observámos e registámos até que ponto os alunos percebiam e compreendiam as variáveis a gerir para rentabilizar os saltos e lançamentos (Lopes, 2012).

Quanto aos Desportos de Combate, os alunos nunca tinham vivenciado nenhuma experiência nesta matéria, à exceção de um aluno que era federado. Apesar de os alunos nunca terem abordado esta matéria quisemos fazer uma avaliação diagnóstica com o propósito de aferir a perceção que os alunos tinham do seu próprio corpo. Deste modo, criámos uma ficha de registo com base nos apontamentos de Didática I lecionada pelo Prof. Helder Lopes. Na ficha registámos a perceção que os alunos tinham da relação de forças (centro de massa/base de apoios), se imobilizavam ou não e se conseguiam sair da imobilização. Em jogos de desequilíbrios, registamos se os alunos conseguiam desequilibrar o parceiro e se eram desequilibrados (Lopes, 2011).

Relativamente à orientação e dança, foram matérias lecionadas por nós mas não desenvolvemos a avaliação diagnóstica pelo facto de os alunos nunca as terem abordado, pelo que se encontravam no ponto zero, o que corresponde ao nível introdutório.

Estas avaliações diagnósticas permitiram ajustar os objetivos e conteúdos na conceção da UD.

3.2.4.2 Avaliação Formativa

Como nos refere o PNEF (2001) a avaliação formativa deverá permitir regular o grau de exigência das situações assim como dos grupos na turma, adequando o processo de ensino-aprendizagem às dificuldades e capacidades dos alunos.

A avaliação formativa/contínua permitiu acompanhar o processo de ensino-aprendizagem do aluno e a sua evolução. A concretização prática desta avaliação assenta na observação da execução das tarefas propostas, confrontando o aluno, a sua *performance* e os objetivos propostos, ajustando assim a estratégia metodológica às necessidades do aluno. Este processo foi importante para o professor perceber se os conteúdos estavam a ser assimilados. Essa perceção permitiu ao docente repetir conteúdos que não foram assimilados, assim como possibilitou a introdução de alterações sempre que necessário para atingir os objetivos propostos.

A avaliação formativa referente à componente psicomotora foi aferida através de pequenas fichas de observação sobre o desempenho e habilidades técnicas dos alunos, e a componente cognitiva foi aferida através de questões/aula. Quanto à componente social, foi avaliada a pontualidade, assiduidade, comportamento, atenção nas aulas, participação, cooperação e se trazia o material necessário às aulas.

3.2.4.3 Avaliação Sumativa

De acordo com Rosado (s/d), devemos integrar no planeamento a avaliação sumativa (final do período, final do ano e final da etapa) devendo integrar a participação dos alunos na avaliação.

A avaliação sumativa assumiu-se como o último momento de avaliação. Esta avaliação permitiu verificarmos se os objetivos inicialmente propostos foram atingidos e se os conhecimentos assimilados. Esta avaliação traduziu a totalidade das avaliações anteriores sob as percentagens definidas pelo grupo disciplinar de Educação Física.

As percentagens definidas pelo grupo disciplinar para o 2.º e 3.º ciclos era de 60% para as competências sociais (domínio psicomotor), 25% para as competências sociais (sócio afetividade) e 15% para as competências cognitivas.

De salientar que juntamente com a orientadora cooperante e em consenso, alterámos alguns dos critérios de avaliação na sequência de um debate e consequente reflexão entre nós. Devido à dificuldade em avaliar alguns *itens* definidos pelo grupo disciplinar, decidimos alterar e incluir alguns pontos a avaliar. Decidimos incluir na tabela (Competências Metodológicas) que nos servia de guia pontos definidos pelo PNEF, tais como, cooperação/oposição; objetivo do jogo (finalização/objetivo da tarefa); ações táticas (ocupação racional do espaço); domínio da bola/domínio da tarefa e empenho/persistência. Introduzimos estes *itens* pois como estávamos num processo de formação as dificuldades em avaliar eram evidentes e consideramos que tornou-se mais operacional os *itens* a avaliar pois iam ao encontro do que é definido pelo PNEF.

3.3 Assistência às aulas

A observação acompanha o ser humano desde os primórdios da espécie, pois o Homem sempre se socorreu da observação como instrumento de garantia da sua subsistência e evolução (Mendes et al., 2012). O processo de observação é um instrumento que permite recolher informações que posteriormente são organizadas, compreendidas e relatadas.

Segundo Sarmiento (2004) observar não é só olhar o que se passa à nossa volta, mais do que isso, significa captar significados diferentes através da visualização. O

fenómeno da observação proporciona o contacto com o exterior e assegura-nos o acesso aos diversos conjuntos de informações (visuais) que dão significado ao envolvimento.

O método de observar permite que se estude o comportamento no seu contexto, recaindo essa observação sobre as ações que se repetem muitas/poucas vezes num determinado período de tempo. Podemos então observar o comportamento do professor, do aluno ou da interação existente. No processo de observação é importante que se crie uma ficha de registo de acordo com o objetivo do estudo onde constem as respetivas categorias (Côrte-Real & Carvalho, s/d).

Observar qualifica-se pela sua individualidade constringida por significados particulares diferenciados e sujeitos à subjetividade inerente a cada observador (Sarmiento, 2004, cit. por Mendes et al., 2012). Como é sabido, a observação é um facto incontornável em que a sua eficácia determina-se pelo grau de identificação entre o observador e o resultado obtido.

De acordo com Carosio (2001) a observação é um procedimento que ao ser aplicado na Educação Física nos permite analisar e refletir sobre a realidade das práticas. É tão importante a observação que os alunos e professores necessitam aprender a observar e aprender a registar as ocorrências pois permitem enriquecer as perceções. Toda a observação necessita naturalmente de ser acompanhada por registo, por forma a fidelizar os dados recolhidos e para que permita posteriormente desenvolver uma interpretação.

Garganta (2001) afirma que a observação foi, e continua a ser, um meio privilegiado a que o Homem tem recorrido para aceder ao conhecimento, sendo um importante guia para a ação. No entanto, a observação está relacionada com a teoria, com as convicções e experiências passadas com o observador e isso influencia o que é observado, quem é observado, quando é desenvolvida essa observação, quantas e que observações se fazem, quantos dados devem ser analisados e como devem ser utilizados (Evertson & Green, 1986, cit. por Garganta, 2001).

De acordo com Sarmiento et al. (1990, p.13) “A observação é um sistema de recolha de dados tendo por domínio as condutas exteriorizadas, as condutas que têm um suporte visível, verbal ou motor”. Ainda, de acordo com os mesmos autores, é

importante referir que a presença do observador é uma nova variável no ambiente observado, modificando de alguma forma os comportamentos registados.

Para observar devemos ter em conta alguns passos que vão desde a definição do estudo até à sua conclusão. Desde modo, Sarmiento (2004) define cinco passos. O primeiro consiste em decidir o que observar, depois devemos desenvolver as definições dos comportamentos a observar, seleccionar a tática mais apropriada (sistema de observação adequado às necessidades de pesquisa, estabelecer a fiabilidade da observação, operacionalizar a observação e, finalmente, sumariar e interpretar os dados. Foi nesta base que procurámos desenvolver a nossa tarefa da assistência às aulas.

3.3.1 Limitações da observação

Prudente, Garganta e Anguera (2004) consideram que a observação, e consequente registo do comportamento, devem ser realizados através de um instrumento devidamente elaborado. Mas, antes de iniciar um estudo, devem ser dedicadas umas sessões à fase exploratória no sentido de diminuir a possibilidade do observado modificar a sua conduta pelo facto de estar a ser observado, assim como permite recolher informação que possibilite adotar as decisões mais acertadas no que toca à observação.

Ainda de acordo com os mesmos autores, a observação depende de três elementos fundamentais: percepção, interpretação e o conhecimento prévio, o que faz com que nenhuma observação possa ser considerada perfeita.

Segundo Carvalho (s/d), na observação não somos muito eficientes pois prestamos atenção a umas coisas e não a outras, percebemos objetos, movimentos, pessoas e comportamentos de forma diferente o que faz com que sejamos inexatos no processo de observação.

De acordo com Alvarez, citado por Carvalho (s/d, p.1), a observação “pode ser enganosa e ilusória; julgamentos e pré-conceitos podem deturpar a experiência; as sugestões, opiniões podem enganar nossos sentidos”. Por todos estes motivos é fundamental treinar para observar por forma a verificar a qualidade da observação.

Concomitantemente, Reis (2011) defende que as aulas observadas nunca são “aulas normais”. Isto porque, o observado recorre às metodologias e às atividades com as quais mais se identifica e se sente à vontade. Contudo, e apesar dos seus contras, as aulas observadas proporcionam informações valiosas sobre as reais competências dos observados e as suas conceções relativamente ao ensino e à aprendizagem.

Sarmento e colaboradores (1990) afirmam que a presença do investigador/observador conduz a uma série de novas relações, não sendo possível evitar a sua interferência na maior parte das situações.

3.3.2 Definição de objetivos

❖ Objetivos Gerais

- Construir/Adaptar um instrumento de observação;
- Estimular e desenvolver a capacidade de observação, análise e reflexão dos comportamentos do observado;
- Capacitar os professores estagiários de condutas de reflexão e trabalho em grupo;
- Promover ajustamentos nos comportamentos dos estagiários atendendo às reflexões dos mesmos e dos orientadores.

❖ Objetivos Específicos

- Desenvolver a capacidade pedagógica ajustando as ações ao contexto e objetivos;
- Aperfeiçoar a capacidade de análise dos comportamentos dos alunos, do professor e suas estratégias;
- Constatar as adaptações do professor ao contexto, ocorrências e diferentes solicitações no decorrer das aulas e a sua atitude e comportamento ao realizar algum ajustamento;

- Verificar a pertinência das estratégias, metodologias e conhecimentos que o professor assume perante comportamentos/performances menos ajustadas;
- Equacionar se o professor assume um ensino direcionado, personalizado mas ao mesmo tempo integral.

3.3.3 Metodologia

O objetivo das observações às aulas do colega estagiário passou por recolher um conjunto de informações que permitiram posteriormente desenvolver uma análise e reflexão. Pretendemos, com isso, desenvolver a capacidade de observação e a capacidade de deteção das potencialidades do professor estagiário por forma a melhorar as nossas competências enquanto professor.

Recorremos a um instrumento adaptado por Sarmiento (1990), que permitiu registarmos comportamentos e atitudes por nós considerados determinantes (comportamento do professor/alunos em diferentes contextos e objetivos).

Como o processo foi contínuo, para torná-lo mais rico e eficaz, não nos limitámos a observar as vinte aulas como definia o protocolo, observando portanto todas as aulas do colega estagiário com o intuito de potenciar o nosso processo de aprendizagem.

3.3.4 Estratégias e Considerações

A observação às aulas do colega estagiário no início do ano letivo cingiu-se à observação direta sem registo. Com esta observação, que foi desenvolvida conjuntamente com a nossa orientadora cooperante, tivemos como objetivo analisar globalmente as aulas. Na fase inicial pretendemos analisar a organização da aula, o comportamento do professor, a adequação do processo de ensino-aprendizagem aos alunos, frequência e qualidade dos *feedbacks*, relação com os alunos, controlo sobre a turma e estratégias utilizadas no processo.

Posteriormente, utilizámos um instrumento de observação adaptado por Sarmiento (1990). No cabeçalho constavam informações relativas ao observador e ao observado, fazia referência à matéria abordada e também a dados específicos da turma (número de alunos a participar na aula), data, hora, local e material utilizado pelo professor estagiário. O instrumento propriamente dito estava dividido por dimensões que eram as seguintes: gestão e organização inicial, condução da aula, gestão do tempo, organização da turma em prática, *feedbacks*, clima da aula e aspetos relacionados com o final da aula.

Como já referido, observámos todas as aulas do colega estagiário com o objetivo de potenciarmos as nossas capacidades de observação, capacidade de reflexão e para potenciar as nossas competências enquanto professor. A observação sistemática proporcionou-nos muitos momentos de reflexão com a orientadora cooperante e colega estagiário e conseqüentemente levou-nos a uma diversidade de aprendizagens extremamente úteis no processo.

A assistência às aulas foi uma ferramenta fundamental para a evolução enquanto professor em formação devido à enorme variedade de situações analisadas, observadas e refletidas. Consideramos enriquecedor pois foram muitas as reflexões que advieram da assistência às aulas, e, os erros, fraquezas e potencialidades do colega fizeram refletirmos sobre a nossa ação e intervenção no contexto escolar.

4. Atividades de Intervenção na Comunidade Escolar

A Atividade de Intervenção na Comunidade Escolar (AICE) visava envolver os estagiários numa atividade que ultrapassava o âmbito da prática letiva. Esta exigiu a elaboração de um projeto que abrangeu toda a comunidade educativa, visando a envolvimento de todos os agentes de ensino da Escola.

O grande objetivo da atividade era dinamizar atividades lúdicas aliadas à prática desportiva, no sentido de aproximar e envolver todos os agentes de ensino potenciando desta forma a interação e convivência. A organização, a cargo dos estagiários, teve como intencionalidade desenvolver as capacidades de planeamento, organização e controlo em ambiente escolar.

A atividade denominou-se “Natal dos Louros” e realizou-se no último dia do 1.º Período (18 de dezembro de 2012 entre as 11h 00 e as 12h 30). A escolha deste tema foi devido à época em que esta se desenvolveu e pelo peso cultural que acarreta. O programa contemplou vários jogos lúdicos alusivos ao Natal onde, ao longo das estações, associados ao convívio esteve bem patente a competição entre todos os participantes.

4.1 Objetivos

❖ Objetivos Gerais

- Promover a socialização entre os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem;
- Proporcionar a toda a comunidade escolar uma prática saudável de atividade física, através de jogos tradicionais e atividades físicas;
- Contribuir, através das atividades físicas, para a formação eclética dos participantes apurando o sentido de adaptação a novas situações;
- Integrar os alunos/pais/funcionários e professores na comunidade escolar;
- Promover a multidisciplinaridade na Escola.

❖ **Objetivos Específicos**

- Desenvolver comportamentos de autodisciplina, autonomia, responsabilidade, de respeito pelas regras, de integração no grupo, de cooperação e de entajuda;
- Participar ativamente em todas as situações e procurar o êxito pessoal e do grupo, relacionando-se com cordialidade e respeito pelos seus companheiros;
- Proporcionar um leque de experiências vivenciadas pelos alunos, através da aplicação de conhecimentos adquiridos nas aulas, de diversas disciplinas.
- Desenvolver a capacidade de trabalho em grupo.

4.2 Conceção

“A organização planificada e coordenada das actividades humanas, a direcção pedagógica de pessoas e grupos de pessoas são uma condição imprescindível do desenvolvimento racional de personalidades” (Bento, 2003, p.13).

Para a atividade ser bem-sucedida o planeamento foi o ponto de partida e, obviamente, fundamental. Inicialmente foram planeadas as etapas a desenvolver numa reunião dos estagiários com os orientadores, na qual se definiram as estratégias para a estruturação da atividade. A etapa seguinte passou pela elaboração de comunicados com o objetivo de pedir ajuda ao grupo disciplinar de Educação Física na realização da atividade, assim como solicitar colaboração informando os alunos sobre a realização da mesma. O passo seguinte foi o da escolha dos jogos a desenvolver em cada estação consultando bibliografia, para posteriormente apresentar as atividades ao grupo disciplinar e verificar a disponibilidade destes na participação. Em simultâneo contactámos potenciais patrocinadores de prémios para a atividade.

Para a divulgação da atividade foram utilizados cartazes de divulgação colocados em locais estratégicos da Escola, informando os alunos, professores e funcionários da atividade apelando à participação. As informações que íamos colocando em cada cartaz não eram definitivas, pelo que fomos dando informações de forma gradual e pertinente com o objetivo de despertar a curiosidade dos potenciais participantes. Como a

informação também foi sendo transmitida pelos professores, pelos funcionários e pelos cartazes, foram surgindo inscrições.

Quanto aos recursos humanos, o grupo disciplinar de Educação Física colaborou na divulgação e na realização dando-nos todo o apoio. Estes tiveram a incumbência de controlo nas diferentes estações, como marcadores da pontuação, júris de prova e tivemos um professor de Educação Física como “Speaker” através da Rádio Escola fazendo toda a cobertura da atividade. Os estagiários desempenharam funções na organização dos grupos e no controlo geral da própria atividade.

Relativamente aos recursos materiais, alguns materiais foram criados por nós, outros foram patrocinados e alguns foram facultados pela Escola. As estações com o respetivo material foram dispostas ao longo de todo o polidesportivo, tendo sido os materiais montados previamente.

Os jogos criados foram todos alusivos à época natalícia e para cada estação criámos um regulamento. Antes do início da atividade reunimos com todos os colaboradores, fizemos uma breve apresentação da dinâmica que pretendíamos incutir e entregámos a cada professor responsável pela sua estação o regulamento.

Durante a atividade assistiu-se a trabalho de equipa, competição entre equipas, grande empenhamento, tentativas de superação, desportivismo nas vitórias e nas derrotas, sendo claro uma grande interação entre os diferentes agentes educativos.

4.3 Reflexão

A atividade desenvolvida por nós contou com a participação de 66 elementos, sendo a maioria alunos. Tendo em consideração que não era uma atividade de carácter obrigatório consideramos que o número de participantes foi bastante satisfatório.

Quanto à divulgação, achamos que fizemos uma boa divulgação despertando o interesse e curiosidade de todos os agentes educativos. No entanto, poderíamos ter realizado uma divulgação informal, contactando diretamente com um maior número de alunos, funcionários e professores. Poderíamos também ter enviado pela caderneta dos alunos a informação relativa aos jogos para que todos os pais fossem informados da

mesma, assim como poderíamos ter solicitado aos professores de todas as áreas a adoção do mesmo procedimento e ter estabelecido contacto telefónico.

Relativamente à organização e execução, consideramos que o facto de organizarmos jogos alusivos à quadra natalícia foi motivante para todos os participantes. Quanto à organização, era nossa intenção reunir com todos os colaboradores 30 minutos antes do início dos jogos para alinhar todos os pormenores. Contudo, tal não foi possível pois ocorreram atrasos na missa de fim de período, implicando assim que os professores chegassem somente 10 minutos antes da atividade. Tínhamos 12 equipas inscritas para os jogos mas, por razões que desconhecemos, faltaram três, passando a nove o número de equipas inscritas. Como as regras ditavam que os jogos eram realizados por pares e em competição procedemos a um pequeno ajuste por forma a termos número par de equipas (10). De referir que mesmo com os contratempos verificados a atividade não foi comprometida, indo completamente ao encontro do perspectivado e planeado.

No sentido de rentabilizar ao máximo os recursos espaciais, organizámos os jogos por estações, de modo a que nenhuma interferisse com outra, e esse objetivo foi cumprido. Relativamente aos recursos humanos tínhamos, em cada estação, um professor que controlou o normal funcionamento da estação, não se registando qualquer incidente nem equívoco. Quanto aos meios materiais, alguns foram criados pelos estagiários, outros foram patrocinados e alguns foram facultados pela escola.

Os prémios atribuídos aos vencedores foram patrocinados por algumas empresas, patrocínios esses que foram muito difíceis de conseguir pois, como bem sabemos, vivemos tempos conturbados numa conjuntura económica muito difícil pelo que tivemos de nos desdobrar em múltiplos esforços para conseguir os referidos prémios.

Em suma, consideramos que alguns dos jogos foram mais bem conseguidos que outros mas, no geral, achamos que atingimos os objetivos a que nos propusemos indo ao encontro das nossas expectativas. Porém, em atividades futuras se conseguirmos minimizar os pontos menos positivos, com certeza teremos um índice de participação maior e, conseqüentemente, mais sucesso. Um dos pontos menos positivos e que no futuro temos de ter mais atenção é que, em determinados momentos alguns elementos que competiam em determinada estação interferiram com outras e isso podia pôr em causa a integridade física dos participantes. Outro aspeto menos positivo em nosso entender é que, no momento da entrega dos prémios a organização não foi a mais

correta e adequada, pois a determinada altura gerou-se alguma confusão pelo facto das equipas não se encontrarem pela sequência da classificação final.

4.4 Outras atividades de intervenção na comunidade escolar

No decurso do ano letivo foram desenvolvidas diversas atividades na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros. A organização das mesmas não foi da nossa responsabilidade, mas fomos convidados a participar nas mesmas, ora na organização, ora como intervenientes. Consideramos que a participação nestas atividades foi uma mais-valia na nossa formação e contribuíram para a aquisição de competências na organização de atividades, assim como, foram importantes para a nossa integração na Escola.

As atividades em que participámos, algumas faziam parte do Projeto de Educação para a Segurança, intitulado Plano Regional de Educação Rodoviária (PRER) e outras foram atividades internas. Dentro do projeto (PRER), cooperámos na organização da Taça Escolar, prova esta que foi desenvolvida no polidesportivo em bicicleta. Participámos igualmente numa prova de orientação rodoviária em que os alunos realizaram um percurso de orientação pela Escola, tendo como desafio, nos pontos de controlo, responder a questões relacionadas com trânsito. Ainda como organizadores cooperantes, participámos no Circuito Escolar de Atletismo (Corta Mato escolar).

Nas atividades internas, no último dia do 1.º Período (17/12/2012), colaborámos na organização da Atividade Interna de Natal, que consistiu na conceção de um baile com o objetivo de angariar fundos para a compra de materiais indispensáveis ao bom desenvolvimento das aulas de Educação Física.

Como intervenientes, tomámos parte no "Dia do Futebol". Foi dinamizado e organizado um jogo entre uma equipa feminina, da qual fazia parte uma internacional, e uma equipa composta por funcionários, professores, antigos alunos e um convidado que era internacional angolano.

Esta participação enriqueceu a nossa formação e demonstrou que estávamos integrados na comunidade escolar, assim como traduziu-se numa mais-valia a participação em todas as atividades desenvolvidas no seio da Escola. Quanto à nossa

participação enquanto intervenientes, cremos que poderá ter potenciado a motivação de alguns alunos para a prática desportiva devido ao mediatismo que lhe está inerente.

5. Atividades de Integração no Meio

5.1 Estudo de Caso

5.1.1 O que é um estudo de caso?

Os estudos de caso são estudos que podemos encontrar nas diferentes áreas como o Direito, Educação, História, Medicina, Psicologia e Administração.

Um estudo de caso tem como objetivo compreender o evento em estudo e, ao mesmo tempo, deve desenvolver teorias genéricas a respeito do fenómeno observado (Fidel, 1992, cit. por Araújo et al., 2008).

“O estudo de caso é uma análise profunda de um sujeito considerado individualmente. Às vezes pode-se estudar um grupo reduzido de sujeitos considerados globalmente. Em todo o caso observam-se as características de uma unidade individual, como por exemplo um sujeito, uma classe, uma escola, uma comunidade, etc. O objectivo consiste em estudar profundamente e analisar intensivamente os fenómenos que constituem o ciclo vital da unidade, em vista a estabelecer generalizações sobre a população à qual pertence” (Bisquera, 1989, cit. por Mendes, 2003, p.1).

De acordo com Gonçalves e colaboradores (2005), um Estudo de caso “É um processo específico para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa. É um desenho de investigação que pode ser conduzido no quadro de paradigmas bem distintos, como o positivista, o interpretativo ou o crítico. Assume-se como uma investigação particularista, procurando descobrir o que há de mais essencial e característico na situação em estudo”.

Paralelamente, Duarte (2008) é de opinião que o estudo de caso pode ser considerado uma enorme contribuição para o desenvolvimento científico, podendo constituir um interessante modo de pesquisa para a prática docente, incluindo-se a investigação que cada professor pode desenvolver dentro da sua própria turma. Ainda de acordo com o mesmo autor este tipo de estudo não poderá ser considerado um estudo simplista, até porque exige enquadramento teórico adequado, domínio de instrumentos e disponibilidade temporal.

De acordo com Stake (1995, p.15), “O caso pode ser um menino. Pode ser um grupo de alunos ou um determinado movimento de profissionais preocupados com uma situação relativa à infância”.

André (1984, p. 52) afirma que o estudo caso “(...)ênfatiza a compreensão dos eventos particulares (casos)”. Ainda, para o mesmo autor, os estudos de caso procuram representar os diferentes pontos de vista presentes numa situação social e o investigador propõe responder e estudar as diferentes perspetivas envolvidas numa determinada situação. Os estudos de caso baseiam-se numa variedade de fontes de informação e, com isso, pretendem retratar a realidade de forma completa e profunda procurando revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação.

5.1.2 Enquadramento do estudo de caso

A realização de um estudo caso antevia uma tarefa árdua e complexa, atendendo ao contexto em que estávamos inseridos. O nosso estudo surgiu após as observações realizadas a toda a turma, iniciando-se logo nas avaliações diagnósticas.

Após alguns avanços e recuos, a escolha recaiu sobre o aluno Z, pois, pelas observações realizadas e pelos resultados obtidos no questionário, aferimos que o aluno não estava integrado na turma e era preterido pela maioria dos colegas para desenvolver tarefas e trabalhos em grupo. Numa conversa informal, detetámos, igualmente, uma baixa autoestima e autoconfiança do aluno, levando-nos a direcionar o nosso trabalho para ele, no sentido de mudar esta tendência.

O aluno Z passou a ser então o nosso objeto de estudo e, a partir daí, recolhemos todas as informações consideradas necessárias e pertinentes para desenvolver estratégias que permitissem inverter esta situação.

O aluno que foi objeto de estudo nunca ficou retido no seu percurso escolar, sempre teve aproveitamento constante e não possuía nenhum problema de saúde, embora apresentasse um aparente excesso de peso.

5.1.3 Objetivos

Para definir os objetivos tivemos em conta as dificuldades e lacunas do aluno, as competências demonstradas nas aulas e as relações intraturma. Estas relações foram as que mais influenciaram a nossa escolha. Assim, os objetivos foram:

- Promover a integração do aluno na turma;
- Fomentar a afetividade entre o aluno e restantes colegas da turma;
- Promover e incentivar o aumento da autoconfiança e autoestima;
- Desenvolver e melhorar as capacidades físicas e cognitivas;
- Adquirir novas competências no domínio psicomotor;
- Desenvolver e aperfeiçoar a coordenação motora.

5.1.4 Estratégias de intervenção

Após visualizar, e considerar, as dificuldades apresentadas pelo aluno em causa que foi o alvo do nosso estudo, tivemos como grande finalidade proporcionar-lhe, ao longo dos 2.º e 3.º períodos um desenvolvimento das suas capacidades motoras, cognitivas, melhorar o relacionamento intraturma, a sua autoconfiança, a autoestima e aperfeiçoar a sua coordenação motora. Essas dificuldades foram detetadas na avaliação diagnóstica e no decorrer das aulas. Quanto ao relacionamento entre o aluno e os restantes alunos foi aferido através do preenchimento do questionário que não era o melhor, pois era preterido pela maioria dos colegas para a realização das tarefas. Desta forma, propusemo-nos a acompanhar o aluno de forma atenciosa e personalizada nas aulas de Educação Física e através de um tempo semanal dedicado especialmente para acompanhá-lo. Durante esse tempo desenvolvemos as suas capacidades psicomotoras, através da realização de exercícios específicos nas diferentes modalidades, melhorámos as capacidades motoras condicionais (coordenação motora) ao ponto do aluno nas aulas ser o exemplo para os colegas. Através de diálogos informais motivámos o aluno para desenvolver todas as tarefas, melhorámos a sua autoconfiança e autoestima permitindo que o discente se integrasse de forma satisfatória e eficaz na turma.

5.1.5 Considerações

Com o acompanhamento personalizado, tanto nas aulas de Educação Física como nos tempos dedicados ao aluno no ginásio ao longo do ano letivo, concluímos que o mesmo foi enriquecedor para ambas as partes, uma vez que permitiu ao aluno potenciar as suas capacidades e a nós permitiu-nos desenvolver novas competências.

Ao analisarmos os objetivos inicialmente propostos, consideramos que de uma forma geral atingimos os objetivos a que nos propusemos, embora tenhamos plena consciência que algumas das estratégias utilizadas pudessem ter sido melhoradas, por forma a melhorar os resultados obtidos. Podíamos ter dedicado mais tempos semanais ao aluno, assim como poderíamos ter convidado um ginasta ou treinador para colaborar na realização de exercícios, o que certamente iria traduzir-se numa motivação extra para o aluno pois esta era a matéria que o aluno apresentava mais dificuldades e lacunas.

Quanto às capacidades psicomotoras, o aluno evoluiu e adquiriu novas competências, pelo facto do aluno ter sempre demonstrado interesse e receptividade em melhorar. O estudante apresentava grandes dificuldades, principalmente na ginástica de solo, daí termos dado particular relevância a esses conteúdos, o que permitiu ter obtido resultados notáveis. O aluno também apresentava grandes lacunas a nível de coordenação motora e, uma vez mais, demonstrou motivação para a melhoria e aquisição de novas competências, ao ponto de ter adquirido competências que lhe permitiram ser o exemplo para a turma quando aperfeiçoávamos essas capacidades.

Quanto à autoestima e autoconfiança, que eram muito baixas, levavam o aluno a recusar-se a desenvolver algumas tarefas conjuntamente com os colegas. Com o passar do tempo, com o trabalho que fomos desenvolvendo e com as conversas informais que fomos mantendo, o aluno foi melhorando a sua autoestima e autoconfiança ao ponto de ir-se integrando progressivamente na turma sem qualquer constrangimento. Esta melhoria foi a mais gratificante para nós, pois a integração total do aluno na turma era um dos principais objetivos a atingir, e isso foi conseguido. Após este processo, o aluno tinha a plena consciência da importância da integração e da socialização na turma e que isso tinha contribuído para o aumento dos índices de autoconfiança e autoestima.

Com o estudo de caso desenvolvido, concluímos que os tempos complementares dedicados aos alunos com limitações a nível psicomotor são uma mais-valia para

adquirir novas competências e desenvolver novas capacidades promovendo um desenvolvimento harmonioso e integral de forma mais equilibrada.

5.2 Ação de Extensão Curricular

Sabendo que os alunos que constituem a turma que nos foi atribuída no estágio pedagógico, na sua maioria, não tinham vivenciado algumas das experiências que consideramos fundamentais no seu processo de formação e educação, achámos importante promover um conjunto de novas experiências que potenciasses a sua formação. Como nos refere Almada e colaboradores (2008) o Desporto é um meio privilegiado de formação e transformação do Homem. Não é um contexto isolado mas sim uma vertente da vida das sociedades. Nesse contexto, julgámos importante criar situações e realizar atividades que potenciasses aprendizagens novas aos alunos permitindo-lhes adquirir novas competências.

A Atividade de Extensão Curricular que nos propusemos desenvolver, passou pela organização de uma visita ao Parque Desportivo de Água de Pena, tendo como finalidade a criação de um espaço de interação e partilha pouco usual entre os alunos.

Esta atividade foi intitulada de “Um dia em Água de Pena” e tínhamos como propósito promover o contacto dos alunos com novas experiências desportivas, potenciar o gosto pela atividade física e fomentar a importância da prática desportiva.

A atividade foi direcionada para os alunos das duas turmas lecionadas pelos estagiários, para os encarregados de educação e para todos os docentes das respetivas turmas.

5.2.1 Justificação

Propusemo-nos a realizar uma visita ao Parque Desportivo de Água de Pena com o intuito de proporcionar aos alunos a possibilidade de contacto com atividades pouco exploradas pelos mesmos e como alternativa à ocupação de tempos livres, incutindo hábitos de vida saudável. Quisemos também promover uma maior interação entre os

agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem, bem como contribuir para o desenvolvimento global e harmonioso dos jovens.

Decidimos desenvolver no Parque Desportivo um *peddy-paper* multidisciplinar, aliando dessa forma o reconhecimento do parque a um desafio imposto nos diferentes pontos de controlo, desafio esse que incidiu em perguntas sobre as diferentes matérias das outras disciplinas. Desenvolvemos também atividades radicais (escalada/slide/rapel), proporcionando a alguns uma experiência ímpar e singular. Por fim, os alunos realizaram jogos de *padel* contactando, dessa forma, com uma modalidade ainda sem grande expressão e completamente desconhecida no meio escolar.

❖ **Objetivos Gerais**

- Promover a socialização entre os agentes implicados no processo de ensino/aprendizagem;
- Incentivar hábitos de vida saudável através da prática de atividade física;
- Estimular o gosto pela aprendizagem e pela procura de novos conhecimentos e modalidades;
- Contribuir para o desenvolvimento global e harmonioso dos jovens, nas suas facetas física, intelectual, emocional e social, assim como para a sua formação cívica;
- Dar a conhecer o Parque Desportivo de Água de Pena.

❖ **Objetivos Específicos**

- Desenvolver comportamentos de autodisciplina, autonomia e responsabilidade, de respeito pelas regras, de integração no grupo, de cooperação e entreaajuda;
- Participar ativamente em todas as situações e procurar o êxito pessoal e do grupo, relacionando-se com cordialidade e respeito pelos seus companheiros;

- Proporcionar um leque de experiências vivenciadas pelos alunos, através da aplicação de conhecimentos adquiridos nas aulas, de diversas disciplinas, fora do contexto escolar;
- Desenvolver a capacidade de orientação dos alunos;
- Apresentar as instalações desportivas existentes no Parque Desportivo de Água de Pena.

5.2.3 Operacionalização

A atividade foi destinada aos alunos das turmas atribuídas aos estagiários, aos seus encarregados de educação e a todos os docentes das respetivas turmas.

Inicialmente e de forma informal nas aulas de Educação Física informámos os alunos da atividade e em que consistia. Posteriormente enviámos aos encarregados de educação um documento personalizado, e devidamente autorizado, no sentido de dar conhecimento da atividade e de todos os pormenores que considerámos pertinentes transmitir aos encarregados de educação. É importante referir que para participar todos teriam de pagar uma quantia, embora simbólica, o que ajudou na concretização da atividade. Relativamente à divulgação desenvolvida junto dos encarregados, consideramos que foi eficaz, pois todos tiveram conhecimento das nossas pretensões, já que todos os alunos devolveram o documento devidamente assinado. De frisar que alguns alunos inicialmente não iam participar na atividade, por dificuldades financeiras. Contudo, nesses casos fizemos questão de os ajudar para que pudessem participar. Outros não participaram mas não justificaram a ausência, pelo que não tivemos conhecimento das razões que levaram à não participação. Acreditamos que alguns tenham sido por razões financeiras mas é uma questão que ficou sem resposta.

A divulgação, e conseqüente convite feito aos docentes, foi realizada por *e-mail* e de forma personalizada. Julgamos que esta não foi eficaz, pois apenas um docente, que era diretor de uma das turmas, confirmou a sua presença. Não foi eficaz porque podem não ter visto o *e-mail* enviado, o que nos leva a concluir que deveríamos ter divulgado de forma formal mas pessoalmente.

O convite foi também endereçado à direção da escola por *e-mail* personalizado, presença essa prontamente confirmada pela Presidente do Conselho Executivo, Dr.^a Gilberta Camacho.

Quanto à atividade, desenvolveu-se no dia 23 de novembro de 2012, no Parque Desportivo de Água de Pena. A concentração aconteceu na Escola pelas 8h 30 e a saída ocorreu às 9h 00. Como o início da atividade estava previsto para as 10h, precavemo-nos e saímos com a devida antecedência por forma a não haver atrasos, pelo que esse objetivo devidamente planeado foi atingido. Já no Parque às 10h, tal como planeado, iniciou-se toda a atividade decorrendo normalmente, sem incidentes e com grande motivação e empenhamento de todos.

O regresso correu novamente como planeado, não se tendo registado nenhum incidente nem contra tempos dignos de registo. Em suma, os objetivos definidos foram atingidos.

5.2.4 Considerações Finais

O total de participantes foi de quarenta e três (43), sendo trinta e seis (36) alunos, um (1) membro da direção, a professora cooperante, três (3) docentes (dois (2) estagiários e um (1) diretor de turma) e dois (2) colaboradores. Relativamente à turma lecionada por nós estavam presentes quinze (15) alunos e a diretora de turma.

O número de participantes não foi o esperado, pois contávamos que todos os alunos participassem e embora em menor número, também contávamos que alguns docentes participassem. Quanto aos encarregados de educação, julgamos que algum iria mas, tendo em conta que a atividade foi num dia útil e a maioria trabalha deduzimos que não seriam muitos a participar. Julgamos que se tivéssemos envolvido os alunos e encarregados desde a conceção à realização da Atividade teríamos certamente outro índice de participação, pois consideramos que a envolvência em toda a preparação subiria a motivação e conseqüente participação. Como não compareceu nenhuma encarregado de educação, leva-nos a concluir que poderíamos ter desenvolvido as estratégias atrás referidas para potenciar a Atividade.

O facto de apenas um docente ter participado foi um facto que nos deixou perplexos, pois a atividade foi extremamente desafiadora e motivante. Esta situação leva-nos a pensar se a preparação destas atividades não deveriam ser de carácter obrigatório para a classe docente em que, os conteúdos da própria atividade fizessem parte do currículo e assim haveria uma participação e envolvimento de todos nestas atividades que solicitam uma grande variedade de comportamentos.

Quanto à atividade, apesar da ausência dos encarregados de educação e docentes da turma, decorreu como planeámos e de forma extremamente positiva e eficaz, atingindo-se os objetivos inicialmente propostos. Todos os participantes mostraram-se bastante empenhados e motivados e o facto de distribuirmos prémios aos vencedores foi um estímulo importante para esse bom comportamento.

6. Atividades de Natureza Científico-Pedagógica

As atividades de natureza científico-pedagógica caracterizam-se por serem uma oportunidade para os professores estagiários, de forma individual e coletiva, explorarem temáticas que considerem pertinentes e que sejam mais-valias no seu processo de ensino-aprendizagem e que sejam igualmente importantes para toda a classe docente e comunidade científica.

Desta forma, a nível individual, optámos por explorar o tema “Inclusão de alunos com paralisia Cerebral nas aulas de Educação Física”. A nível coletivo, integrámos uma temática comum intitulada “Avaliação em Educação Física” e, dentro deste tema, cada núcleo decidiu o que aprofundar. O nosso núcleo explorou o tema “Relação entre os estilos de liderança e a avaliação dos alunos em Educação Física”.

Enquanto investigadores desenvolvemos novas competências e foi com grande motivação que explorámos estas temáticas que têm grande implicação com a intervenção pedagógica. Desta forma, ficámos mais esclarecidos e, enquanto professores, adquirimos conhecimentos que no futuro nos poderão ser úteis se estivermos incluídos em contexto escolar.

6.1 Atividade Científico-Pedagógica Coletiva

A atividade científico-pedagógica coletiva foi um momento de grande exposição da nossa parte e teve como objetivo expor publicamente um trabalho desenvolvido por nós em cooperação com o Orientador Científico e com o Preletor convidado. Esse trabalho consistiu em duas partes: a primeira incidiu sobre uma pesquisa bibliográfica que foi o nosso suporte teórico e a segunda consistiu num trabalho de campo.

As atividades coletivas de todos os núcleos foram desenvolvidas em torno de um tema central, tema esse considerado complexo e que suscita muitas dúvidas na classe docente e na comunidade científica que se ocupa destas questões. O tema central foi a “Avaliação em Educação Física”, sendo os subtemas de cada núcleo definidos por cada um juntamente com os orientadores.

A nossa escolha recaiu sobre o tema “Relação entre os estilos de liderança e a avaliação dos alunos em Educação Física” por considerarmos que a adoção de um determinado estilo influencia diretamente no sucesso/insucesso dos alunos.

No nosso trabalho de campo tivemos como grande objetivo aferir a opinião da classe docente relativamente a esta matéria.

6.1.1 Pertinência do Tema

A escola e os professores desempenham um papel extremamente importante no processo ensino-aprendizagem e têm como missão potenciar as competências e as capacidades dos alunos em contextos específicos com novas exigências.

Considerando que os professores devem focar-se no processo e não exclusivamente no produto, a avaliação em Educação Física torna-se assim complexa e suscita muitas dúvidas, sendo alvo de muitas incertezas, visto que contempla vários domínios a serem avaliados.

O crescente desânimo, a má educação e comportamentos de desvio são cada vez mais comuns no quotidiano escolar. Estas ocorrências devem-se ao facto da escola passar de um espaço cómodo, agradável e com ambiente de aprendizagem saudável para um lugar desinteressante, repressor e desmotivante para alguns alunos (Jordão, 2003). Assim, o professor de Educação Física (EF) tem um papel preponderante no sucesso/insucesso escolar e inclusão de hábitos de atividade física para toda a vida.

O estilo de liderança adotado por cada professor na gestão das suas aulas de EF e a forma como realiza a avaliação dos seus alunos parece condicionar os resultados e, conseqüentemente, o sucesso/insucesso dos alunos ao longo do trajeto escolar. “Percebida politicamente como uma solução óptima para a resolução dos problemas de indisciplina, do abandono e do insucesso, a liderança emerge paulatinamente como uma variável de controlo da excelência escolar...” (Torres & Palhares, 2009, p.1).

Existem evidências na literatura que relatam a influência, em vários contextos, que o estilo de liderança com características autocráticas é inadequado ao contexto escolar

(Jordão, 2003). O estilo *laissez-faire* apresenta também algumas limitações, nomeadamente na ausência de uma liderança mais rígida podendo despoletar ambientes com pouca organização e desordem (Chiavenato, 2000). Por outro lado, a liderança democrática, segundo o mesmo autor, parece apresentar características e condições mais favoráveis para a promoção de um ambiente de ensino-aprendizagem favorável a maior sucesso por parte dos alunos.

Pereira, Mesquita e Graça (2005), salientaram que os professores que fornecem mais *feedbacks* informacionais positivos, revelando um estilo de liderança democrático, ensinavam alunos com maiores níveis de percepção de competência e, conseqüentemente, níveis mais elevados de motivação intrínseca.

Neste sentido, tornou-se pertinente perceber qual o estilo de liderança que mais se adequa a cada contexto, qual o estilo mais utilizado pela classe docente e se existe relação direta entre a adoção de um determinado estilo e o sucesso/insucesso dos alunos.

6.1.2 Objetivos da atividade

Os objetivos definidos para a atividade foram de acordo com o que pretendíamos esclarecer pois consideramos ser um tema pertinente.

Assim, os objetivos foram:

- ❖ Esclarecer a relação existente entre os estilos de ensino dominantes e avaliação dos alunos;
- ❖ Perceber a implicação que os mesmos têm no sucesso/insucesso dos alunos.

6.1.3 Estudo desenvolvido

6.1.3.1 Metodologia

❖ Caracterização da amostra

A amostra foi composta por 30 professores, pertencentes a três escolas distintas da Região Autónoma da Madeira, onde são lecionados os 2.º, 3.º ciclos e secundário. Quanto ao sexo, 70% dos inquiridos eram do sexo masculino, 27% do sexo feminino e 3% não respondeu.

Relativamente à idade, a maior percentagem, cerca de 30% correspondia a professores com idades compreendida entre os 36-40, seguindo-se com 26,7% participantes com idade entre os 41-45. Ainda com uma percentagem próxima das anteriores tínhamos os professores com idade entre os 31-35. Com percentagens muito mais reduzidas, tínhamos a faixa entre os 46-50 com 10% e com mais de 50 anos somente 6,6%.

Quanto aos anos de serviço, a grande percentagem (56,7%) situava-se entre os 16 e 20 anos de serviço. Depois e com menos de metade da percentagem, cerca de 20% vinham os professores com 21-25 anos de serviço. Com percentagens exatamente iguais (6,6%) tínhamos os professores com um tempo de serviço entre os 30 e os 40 anos. Finalmente e com menos de 5 anos de serviço eram 3,3% de professores.

Na situação profissional tínhamos 43,3% dos professores pertencentes ao Quadro Zona Pedagógica, 40% no Quadro Nomeação Definitiva e com uma percentagem muito menos (16,7%) os professores contratados.

A nossa amostra foi constituída por 30 professores, desses 30% lecionavam no 2.º ciclo, 30% no 3.º ciclo e uma fatia maior, cerca de 36,7% no secundário. De referir que 3,3% que correspondeu a um professor não respondeu.

Dos participantes inquiridos, 76,6% possuíam Licenciatura como habilitação académica e 23,3% possuíam Mestrado.

❖ Instrumentos

O instrumento utilizado para a recolha de dados foi um inquérito por questionário com alternância de perguntas dicotómicas, com recurso a uma escala de *Likert* e respostas abertas.

O preenchimento desses questionários fez-se na escola após a entrega dos mesmos aos professores que constituíam a nossa amostra.

❖ Procedimentos estatísticos

O tratamento dos dados recolhidos foi realizado através de uma análise quantitativa e qualitativa, com o apoio do *Microsoft Office Excel 2010*.

6.1.3.2 Resultados

Atendendo aos dados obtidos pelo questionário, grande parte dos professores entende que a forma como o professor cativa e estimula os alunos tem influência direta/indireta na motivação, comportamento, desempenho e conseqüente sucesso.

A maioria dos inquiridos afirmou que quando assumimos uma liderança de envolvimento no processo e proximidade aos alunos, a probabilidade de sucesso aumenta, realçando também que o estilo de liderança tem relação direta com a avaliação ou no sucesso/insucesso dos alunos.

Quanto ao estilo de liderança, alguns professores afirmaram que alguns alunos dificultam a adoção de um estilo democrático, pois estes não têm regras nem respeito.

Relativamente às condições, alunos e contexto e a sua relação com o estilo de liderança, os professores inquiridos afirmaram que existem sempre alunos diferentes, logo têm que ser utilizadas estratégias diferentes. Foi unânime que existe relação entre as variáveis apresentadas e o estilo de liderança, pois 73% dos inquiridos afirmaram que os resultados são influenciados pelas mesmas, enquanto somente 23% referiram que os resultados não dependem dos estilos de liderança.

Considerando os dados obtidos, podemos concluir que os professores devem adotar estilos de liderança distintos, considerando o nível dos alunos, objetivos e dependendo também do contexto. Assim, pode ser considerada uma liderança eficaz quando é utilizado um estilo adequado a cada contexto.

Quanto ao estilo de liderança adotado e a sua relação com sucesso/insucesso dos alunos em diferentes contextos, a grande maioria dos professores (86%), afirmaram que não utilizam sempre o mesmo estilo de liderança.

Relativamente ao tipo de comportamentos que devem ser solicitados aos alunos, de modo a que estes alcancem o sucesso, houve uma grande abrangência de opiniões, mas as que mais foram consensuais foi aquela que refere que devemos potenciar comportamentos que aumentem a capacidade de criatividade, capacidade de sugerir alternativas e competências para a resolução de problemas e autonomia.

6.1.3.3 Considerações Finais

Este estudo permitiu aferir que existe alguma relação entre os estilos de liderança adotados com o sucesso/insucesso dos alunos na Educação Física. Concluímos que não é consensual a utilização de um único estilo de liderança, deve sim, ser utilizado um estilo de acordo com o contexto e com as características dos alunos e que a utilização de uma liderança democrática apresentava condições favoráveis ao sucesso dos alunos.

Em suma, 86% dos professores afirmaram não utilizar sempre o mesmo estilo de liderança, declarando que o estilo utilizado depende dos alunos e do nível que apresentam, assim como, o contexto/modalidade influencia na adoção de um estilo de liderança.

6.1.4 Conceção e Reflexão da Atividade

A atividade científico-pedagógica coletiva, no âmbito do estágio pedagógico, foi das tarefas que maior ansiedade nos causou. Por ser uma atividade de grande exposição

para nós e por obrigar a uma boa articulação de todos os recursos, a sua conceção, sem dúvida, foi uma tarefa complexa.

A atividade foi um tema central, o que exigiu alguma articulação e coordenação entre todos os núcleos, determinante para o sucesso da mesma. Tínhamos como grandes objetivos abordar temáticas pertinentes e motivantes dentro do tema central, mobilizar o maior número de docentes possíveis, convidar preletores que fossem mais-valias e organizar uma atividade desafiante para todos os participantes.

Estivemos muito indecisos na escolha do tema mas após algumas reflexões, chegámos a uma decisão. Por coincidência, outro núcleo escolheu a mesma temática e, em consenso, o dito núcleo prosseguiu com o trabalho enquanto nós decidimo-nos por outro após reunião com o orientador científico.

A nossa decisão recaiu sobre o tema “Relação entre os estilos de liderança e a avaliação dos alunos em Educação Física” pois consideramos pertinente e oportuna esta abordagem. Após a decisão tínhamos consciência que seria um trabalho com grau de dificuldade elevado, pois a literatura era escassa sobre este tema, mas prosseguimos por julgar que traríamos novos dados.

Após a sua aprovação, reunimos informações sobre potenciais preletores que fossem ao encontro das nossas expetativas e que valorizassem a nossa atividade. Com a conjuntura atual, um dos requisitos era de que o preletor fosse de cá da Região Autónoma da Madeira por forma a minimizar custos. Em conversa informal na escola de acolhimento com a orientadora cooperante juntamente com outros elementos que compõem o grupo disciplinar, surgiram dois nomes de potenciais preletores, que de pronto concordámos, por irem ao encontro das nossas expetativas. Posteriormente, transmitimos ao orientador científico o nome dos dois preletores sugeridos e prontamente foi para apreciação. A nossa primeira escolha recaiu sobre o preletor que efetivamente veio a ser preletor da atividade e este aceitou o nosso convite sem cobrar qualquer valor monetário.

Esta atividade caracteriza-se pelo trabalho em grupo que exige entre núcleos e, este ano, consideramos que, mais do que em anos anteriores, obrigou a muito trabalho conjunto pois as características da atividade eram muito peculiares. Em alguns momentos da sua organização, a descoordenação, falta de comunicação, algum desleixo e

irresponsabilidade foi evidente ao ponto de provocar atrasos na sua conceção tendo mesmo obrigado ao adiamento da atividade.

Devido ao atraso que provocou o adiamento da atividade, teve de ser marcado novas datas e quais os dias de intervenção de cada núcleo. Como decorreria apenas em três sábados, houve necessidade de escalonar o dia em que cada núcleo iria intervir e em que horário. Decidiu-se que as atividades decorreriam nos dias 6, 20 e 27 de abril, sendo-nos atribuído o módulo 3, com data a 6 de abril entre as 16h 30 e as 18h 30.

Relativamente à divulgação, os núcleos decidiram divulgar por correio electrónico enviando um *e-mail* para a Secretaria Regional da Educação que posteriormente foi reencaminhado para os potenciais formandos. O *e-mail* era composto pelo cartaz e pelo programa referente a todas as atividades de todos os núcleos contendo todas as informações pertinentes. Os professores das escolas com as quais a Universidade da Madeira possui protocolo para a realização de estágios pedagógicos, foram contactados pessoalmente. Foi ainda divulgada através das redes sociais, mas consideramos que a divulgação não foi eficaz como pretendíamos que fosse. Logo, consideramos que deveríamos divulgar diretamente nas escolas da Região garantindo, dessa forma, que a informação chegaria a todos. Apesar da divulgação não ter sido a mais eficaz nem eficiente e pelo facto de a participação ter sido paga, o número de inscritos foi considerado bastante razoável situando-se, nos 122. Porém, o número efetivo de participantes rondou sensivelmente os 98.

O desenvolvimento e apresentação do nosso tema revelou-se um desafio para nós, pois foi um momento de grande exposição e tivemos de transmitir conteúdos, até então pouco explorados, de forma clara e sucinta. Preparámo-nos muito bem e afincadamente para a comunicação, passando algumas horas na sua preparação para que tudo corresse como planeado. A clareza e a segurança na exposição dos conteúdos do nosso estudo foram ao encontro das expectativas que tínhamos perspectivado. Salientamos a mais-valia que o nosso preletor acrescentou à atividade, sendo determinante na exposição, clarificação e debate do tema.

No geral consideramos que o nosso estudo foi importante pois abordou um conjunto de competências e conhecimentos importantes para a reflexão e formação profissional docente. Consideramos igualmente que todas as comunicações abordaram, de forma relevante, o complexo tema que é a Avaliação em Educação Física.

Quanto ao estudo desenvolvido consideramos que num próximo trabalho poderemos utilizar um outro instrumento de recolha de dados (observação direta/contexto natural) pois julgamos que as informações seriam mais ricas e fidedignas.

Relativamente à promoção da atividade, consideramos que de modo a aumentar o número de participantes poderíamos ter divulgado utilizando outras estratégias, como por exemplo, pela comunicação social (Diário de Notícias e Jornal da Madeira), por *e-mail* personalizado, contacto direto nas escolas e através de ofícios endereçados às mesmas e/ou sindicato dos professores.

Quanto ao local da realização, achamos que deveria ser melhor sinalizado de modo a clarificar o público-alvo relativamente ao local onde iria decorrer a mesma.

Concluimos então que este tipo de atividades e a sua organização promove o desenvolvimento de competências nos estagiários que serão extremamente importantes no seu processo de formação, assim como, serão úteis no futuro enquanto profissionais de Educação Física e Desporto. Consideramos que contribuimos para a clarificação de uma temática que suscita muitas dúvidas na classe docente e em toda a comunidade científica, quer pela sua complexidade quer pela incerteza que todo o processo de avaliação encerra. A comunicação desenvolvida pelo preletor convidado com o tema “Estilos de Ensino, Sucesso dos Alunos e Avaliação. Relações (Im) Prováveis”, clarificou, complementou e sustentou toda a atividade pela riqueza dos conteúdos apresentados e pela riqueza do debate que posteriormente assistiu-se com uma boa interação entre todos os presentes.

6.2 Atividade Científico-Pedagógica Individual

A atividade científico-pedagógica individual foi outra das atividades inserida no processo de estágio pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário e teve como propósito desenvolver uma atividade com expressão a nível do grupo disciplinar de Educação Física da escola onde decorreu o estágio. Para além deste momento, foi elaborado um artigo científico que foi posteriormente apresentado em *poster* no *Seminário Desporto e Ciência 2013*,

organizado pelo Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade da Madeira.

O tema selecionado para a atividade foi “Inclusão de alunos com paralisia Cerebral nas aulas de Educação Física”, tendo como principais destinatários os professores do grupo disciplinar de Educação Física da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros. No entanto, poderiam ter participado na atividade alunos da Licenciatura e do Mestrado da Universidade da Madeira e professores orientadores de outros núcleos.

A apresentação na escola ocorreu a 30 de janeiro de 2013 (4ª feira) após a reunião periódica de grupo, entre as 17h e as 18h 15. A comunicação prolongou-se por 25 minutos e este momento compreendeu uma componente teórica e a apresentação em suporte digital (vídeo) do que propúnhamos para potenciar as capacidades dos alunos portadores de Necessidades Educativas Especiais (NEE). A apresentação em *poster* ocorreu no dia 2 de março de 2013 (sábado) entre as 8h 30 e as 9h 30.

6.2.1 Pertinência do Tema

O processo de seleção do tema para a atividade partiu de uma motivação intrínseca e também decorreu da oportunidade de explorar uma temática pertinente para o grupo disciplinar de Educação Física, pois a Escola é uma referência no acolhimento de alunos portadores de NEE. Através de conversas informais mantidas com os docentes, apercebemo-nos da dificuldade em gerir o processo de ensino-aprendizagem destes alunos por parte dos professores, daí a nossa escolha recair sobre este tema.

Segundo Silva e Neves (2002), nos últimos anos têm-se desenvolvido muitos esforços no sentido de clarificar a causa da integração dos alunos com NEE nas escolas do ensino regular. Esta, como qualquer outra mudança educativa, tem sido confrontada com críticas dos seus opositores, visto ser objeto de resistências na prática, embora teoricamente seja aceite. As várias interpretações e críticas têm contribuído para o esclarecimento desta temática.

A inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino, como é sabido, tem sido bastante discutido, tanto a nível educacional como a nível social. De acordo com Souza, Alcântara e Cabral (2010, p.1), “falar de inclusão não é tarefa fácil, porém

necessária. Incluir não significa colocar o aluno na escola sem dar condições necessárias de permanência e assistência educacional, mas sim dar suporte pedagógico...”

Tendo em conta que a Paralisia Cerebral, segundo alguns autores, não é considerada uma doença mas sim uma deficiência, é importante incluir estes alunos portadores dessa deficiência no ensino regular e conseqüentemente na Educação Física. Como nos refere Gouveia (2011, p.18), “...a inclusão na escola e conseqüentemente na educação física escolar é benéfica, para todos pois se tem uma grande oportunidade de convívio e crescimento pessoal, para todos os alunos pois aprende que a diferença existe, mas que precisam ser respeitadas...”. Desta forma, minimizam-se os preconceitos em relação aos indivíduos portadores de deficiência.

6.2.2 Objetivos

❖ Objetivos Gerais

- Caraterizar a Paralisia Cerebral;
- Identificar o processo de inclusão;

❖ Objetivos Específicos

- Promover estratégias de inclusão nas aulas de Educação Física;
- Definir e apresentar estratégias de operacionalização;

6.2.3 Caraterização da Paralisia Cerebral e alunos

Paralisia Cerebral, segundo Fischinger (1970), cit. por Tafner e Fischer (n/d, p.2), “é um distúrbio sensorial e senso motor causado por uma lesão cerebral, a qual perturba o desenvolvimento normal do cérebro. A perturbação é estacionária e não progressiva.”

Esta NEE provoca vários distúrbios que afetam o cérebro durante ou logo após o nascimento, sendo conhecido como um distúrbio de desenvolvimento. Esses distúrbios traduzem-se em dificuldades na locomoção, na postura e no equilíbrio (Gerais, 2007, cit. por Benfica et al., 2010). Não é uma lesão que afeta os músculos ou nervos mas sim

a capacidade do cérebro de controlar os movimentos e funções que estas estruturas realizam.

Para Geralis (2007), cit. por Santo (2010, p.9), “Paralisia cerebral é definida como sendo diversos distúrbios que envolvem a capacidade de se mover, manter a postura e o equilíbrio”.

Um aluno portador de Paralisia Cerebral, quando estimulado, confrontado com novas experiências e vivências, e aceite no âmbito social em que participa, certamente, consegue atingir resultados progressivos no processo ensino-aprendizagem. Para estimular, é importante conhecer o grau da NEE, garantindo assim sucesso no processo de ensino-aprendizagem e conseqüente formação.

De acordo com Neves (1997), cit. por Gouveia (2011), os indivíduos com Paralisia Cerebral podem ter um atraso intelectual, mas a falta de estimulação, experiências e vivências e contato com um bom ambiente é que podem provocar esse atraso. Os indivíduos com esta NEE podem ter uma inteligência normal/média e em alguns casos, possuem uma inteligência acima da média. Contudo, para além do atraso intelectual, podem estar associadas perturbações motoras, problemas de visão e auditivos, epilepsia, dificuldades de linguagem e da fala, atraso cognitivo, dificuldades na aprendizagem, défices de atenção, distúrbios psicológicos e comportamentais, perturbações nutricionais e infeções respiratórias.

A forma como esta NEE afetará a vida dos indivíduos depende de muitos fatores, entre eles, a forma como aceita a sua NEE, a relação com os pais, dos médicos, dos amigos e a estimulação que estas crianças serão alvo, quer na vida familiar, escolar e social.

6.2.4 Organização e conceção da ação

O grande objetivo foi proporcionar uma formação aos professores do grupo disciplinar que permitisse potenciar as suas competências para futuras intervenções no processo ensino-aprendizagem de alunos portadores de NEE.

O ponto de partida desta atividade passou pela seleção do tema a abordar. Posteriormente passámos à recolha de informação e pesquisa bibliográfica através de consulta de artigos, teses e de trabalhos anteriores realizados sobre o tema. Durante a pesquisa constatámos que a inclusão de alunos portadores de NEE é cada vez mais uma realidade no contexto escolar regular.

Pelo facto de estarmos inseridos numa escola que é uma referência, a nível regional, no acolhimento de alunos portadores de surdez e por acolher alunos com Paralisia Cerebral, despertou-nos o interesse pela temática das NEE, pois fomos confrontados com muitas reticências por parte da classe docente quanto às estratégias a utilizar no processo de ensino-aprendizagem destes alunos.

Quanto à data e local da apresentação da atividade, esta foi definida pela orientadora cooperante juntamente com o núcleo de estágio, foi decidido que seria pertinente apresentar após uma reunião de grupo onde estariam presentes todos os principais destinatários e o local reunia todas as condições para uma apresentação, inclusive, quadro interativo.

O processo de divulgação da atividade iniciou-se com uma conversa informal com os professores e, posteriormente, formalizada através do delegado de grupo juntamente com a convocatória para a reunião periódica que antecedeu a reunião.

A apresentação dividiu-se em duas partes. Na primeira foram apresentados e focados os pontos mais importantes relativos à temática, devidamente fundamentados com literatura específica. Na segunda parte apresentámos exercícios práticos em vídeo, previamente filmados com os nossos alunos que poderão ser mais-valias no processo de ensino-aprendizagem. Baseámo-nos no quadro de referência simplificado dos Desportos Coletivos ($t \geq t'$) de Almada e colaboradores (2008) para criar os exercícios, considerando as variáveis em jogo (velocidade e espaço) nos Jogos Desportivos Coletivos. Jogámos então com as variáveis, criando um banco de exercícios definindo para cada um dos objetivos específicos, dimensão do espaço, número de jogadores e impondo constrangimentos que facilitassem a inclusão de alunos com Paralisia Cerebral nas aulas de Educação Física.

Após a apresentação foi dedicado algum tempo a debate em que se criou um espaço dinâmico em que os presentes expuseram as suas dúvidas e em conjunto esclarecemos e debatemos as dificuldades e necessidades sentidas por estes.

Esta atividade contemplava ainda a apresentação deste trabalho em *poster*. Foi uma tarefa desafiante pois apelou à capacidade de síntese e clareza ao passar a informação considerada pertinente para o *poster* e também oral através de uma comunicação muito sucinta de três minutos. De salientar que no *poster* demos especial ênfase e enfatizámos o banco de exercícios criado por nós por consideramos ser um bom contributo para a classe docente.

6.2.5 Reflexão

A nossa escolha sobre esta temática, desde o início, teve uma intencionalidade clara. Foi uma escolha tendo em consideração o contexto em que estávamos inseridos e, por estarmos num processo de estágio, quisemos de alguma forma dar o nosso contributo ao grupo disciplinar com conhecimentos adquiridos e com a investigação desenvolvida.

Acreditamos que foi uma temática extremamente pertinente pois consideramos que a investigação e o trabalho desenvolvidos foram úteis para a prática letiva de todos. O grande objetivo era clarificar e elucidar os presentes de como incluir de forma eficaz e com sucesso este tipo de alunos no ensino regular, mais concretamente nas aulas de Educação Física.

Pelas conversas informais que tivemos antes da atividade com alguns professores, todos eles consideraram um tema extremamente pertinente pois ia ao encontro das necessidades e dificuldades sentidas por estes. Pensamos que o principal objetivo da atividade foi claramente atingido pelos feedbacks recebidos por todos os presentes que no total eram oito (8) dos onze (11) professores que compõem o grupo.

Quanto à apresentação, esta correu normalmente e dentro do tempo previsto, embora com alguns problemas com a edição do vídeo que foram prontamente resolvidos. Consideramos que a informação foi transmitida de forma clara e audível.

Como conclusão e de uma forma geral, a atividade foi positiva, atingimos os objetivos propostos e temos a clara consciência do contributo que demos para que os professores possam desenvolver novas estratégias e adotar metodologias que permitam incluir estes alunos nas suas aulas e, conseqüentemente incluir estes no sistema de ensino regular, o que no fundo consideramos ser a escola do futuro.

7. Considerações Finais

Sendo a formação de professores indispensável para o contínuo desenvolvimento profissional docente, a elaboração deste relatório constitui uma mais-valia no término deste meu processo de formação.

O Estágio Pedagógico, foi de facto, o ponto alto de todo o percurso académico pois através deste tivemos a oportunidade de estar inseridos no contexto escolar. Neste contexto, fomos confrontados com inúmeras situações que solicitaram uma grande variedade de comportamentos e aprendizagens que potenciaram as nossas capacidades e contribuíram para a aquisição de novas competências. O estágio foi, efetivamente, uma oportunidade de excelência para adquirir um conjunto de competências que terão certamente as suas repercussões no futuro e, para além das competências e experiências vividas, esta oportunidade deu-nos ideias e perspetivas que ao longo da carreira estarão sempre presentes.

Neste período de formação, nem os momentos menos bons afetaram o nosso processo de aprendizagem, caracterizado pela enorme motivação e convicção em ser profissional de Educação Física e Desporto. De salientar que em todo o processo e experiências vividas, a prática letiva foi naturalmente a que mais dificuldades nos criou mas também foi a que maior interesse e prazer nos deu, sendo mesmo o culminar de um sonho e de realização pessoal.

Este período proporcionou-nos uma grande variedade de experiências, umas esperadas e outras que foram surpresa. Todas estas experiências levaram-nos a compreender que o papel do professor não se restringe exclusivamente ao diagnóstico, prescrição, execução, controlo e avaliação mas que existem um conjunto de competências que complementam as funções inerentes à docência, cujo desenvolvimento também influencia a lecionação. Nesse sentido, não posso deixar de referir que criamos uma relação de empatia muito grande com os alunos ao ponto da turma adotar comportamentos que nos sensibilizaram, pelo que, será um grupo de alunos que jamais esqueceremos.

O Estágio Pedagógico foi efetivamente um complemento que valorizou a nossa formação, mostrou-nos a complexidade que caracteriza a aula de Educação Física e quão complexo é o processo de ensino-aprendizagem. Todo este processo alertou-nos para a

enorme exigência de ser professor e para a necessidade constante de adquirir novas competências no sentido de adequar constantemente o processo de aprendizagem ao contexto e às necessidades dos alunos.

Em suma, consideramos que foi um processo que contribuiu para a nossa formação, quer pessoal, quer profissional, que para além de proporcionar um conhecimento aprofundado da realidade escolar dotou-nos de ferramentas que nos permitirão ser um profissional qualificado e motivado. Julgamos que, as estratégias utilizadas ao longo do ano letivo, assim como a transmissão de conteúdos, alguns de nível introdutório, potenciaram o desenvolvimento e transformação dos nossos alunos. Quanto ao Grupo de Educação Física, acreditamos que com as atividades desenvolvidas transmitimos novos conhecimentos e estratégias de intervenção que serão certamente úteis. Tudo isto enriqueceu o nosso processo de formação, processo este que não acaba aqui.

8. Referências Bibliográficas

- Abrunhosa, S. (2008). *Concepções dos professores do 1.º ciclo do Ensino Básico sobre a Educação para a cidadania. As competências do professor no âmbito da abordagem transversal da educação para a cidadania.* Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., & Vitória, M. (2008). *A Rotura- A sistemática das Actividades Desportivas.* Torres Novas: Edição VML.
- André, M. (1984). Estudo de caso: Seu potencial na educação. *Cad. Pesq.*, (49): 51-54, maio 1984.
- Araújo, C., Pinto, E., Lopes, J., Nogueira, L. & Pinto, R. (2008). Estudo de Caso. Mestrado em Educação Área de Especialização em Tecnologia Educativa Unidade Curricular: Métodos de Investigação em Educação. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. Acedido a 16 de maio de 2013 em http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf.
- Benfica, D., Silva, T. & Pereira, E. (2010). Aspectos gerais sobre paralisia cerebral e sua relação com a psicomotricidade. *EFDeportes.com, Revista Digital.* Buenos Aires, 15(150), 1-6. Retirado de <http://www.efdeportes.com/efd150/paralisia-cerebral-e-a-psicomotricidade.htm>.
- Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física.* Livros Horizonte, Lisboa.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física.* Lisboa: Livros Horizonte.
- Carmona, A. (2012). Relatório de estágio. A unidade Didática como estratégia de ensino integrado – dos fundamentos didatológicos aos processos de construção. Instituto Politécnico de Castelo Branco: Escola Superior de Educação.

- Carosio, M. (2001). La observación de las clases de educación física como instrumento de ayuda profesional. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, 7(41), 1. Retirado de <http://www.efdeportes.com/efd41/obs.htm>.
- Carvalho, A., Amorim, J., Cardoso, L., Silva, R., & Silva, S. (2011). O ato de planejar e a importância do planejamento na organização do profissional de Educação Física. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, 16(156), 1.
- Carvalho, F. (s/d). Técnicas de Levantamento de Dados-Observação. Curso de Tecnologia em Sistemas de Informação. TDP – Técnicas de Desenvolvimento de Projetos de Sistemas.
- Chiavenato, I. (2000). Introdução à Teoria geral da Administração. 6ª Edição, Rio de Janeiro: Campus
- Correia, A. (2012). Apontamentos da Didática da Educação Física e Desporto III. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.
- Côrte-Real, C., Carvalho, L., (s/d). Observação em Educação Física. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.
- Costa, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Conceções, investigação, prática*. Lisboa: FMH
- Costa, V. (s/d). Função Social da Escola. Retirado a 12/11/2012.
- Duarte, J. (2008). Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*, 2008,11, 113-132.
- Fernando, C. (2012). Apontamentos da Didática da Educação Física e Desporto IV. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.
- Ferreira, D. (2005). Construção de instrumentos de observação de práticas educativas. Avaliação diagnóstica. Construção de um instrumento de observação comum a

Andebol e Basquetebol. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.
Universidade de Coimbra.

Francisco, C. & Pereira, A. (2004). Supervisão e sucesso do desempenho do aluno no estágio. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, 10(69), 1.

Garganta, J. (2001). Futebol e Ciência, Ciência e Futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, 7(40), 4. Retirado a 3 de maio de 2013 de <http://www.efdeportes.com/efd40/fcienc.htm>.

Gonçalves, E., Sá, L., Caldeira, M., (2004/2005). Estudo de Caso. Mestrado em Educação – Supervisão e Orientação Pedagógica. *DEFCUL – Metodologia de Investigação – 2004/2005*.

Gouveia, E. (2011). Apontamentos da Didática de Educação Física e Desporto II. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.

Gouveia, J. (2011). A Paralisia Cerebral em contexto de Educação Física. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Lopes, H. (2011). Apontamentos da Didática da Educação Física e Desporto I. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.

Lopes, H. (2012). Apontamentos da Didática da Educação Física e Desporto III. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.

Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J. & Mira, J. (2001). Programa Nacional de Educação Física, Ensino Básico, 3º ciclo.

Jordão, G. (2003). Professor, um líder na arte de educar. *Maringá*, v.25, nº1, Acta Scientiarum: human and social sciences.

Lei Constitucional nº1/2005 de 12 de agosto de 2005, Artigo 73.º- (Educação, Cultura e Ciência) da Constituição da República Portuguesa, retirado a 7/12/2012. Retirado a 12/11/2012.

- Marques, S. & Lima, S. (2011). Os desafios da Avaliação na Educação Física. Acedido a 16 de maio de 2013 em <http://revistasapientia.inf.br/educacao3/arquivos/2011/ADRIANA.pdf>
- Mendes, R. (2003). Métodos de Investigação em Ciências Sociais: o Estudo de Caso. *Revista Digital-Buenos Aires-Año 9.Octubre de 2003*. Recuperado a 20 de dezembro de 2012 de <http://www.efdeportes.com/efd65/caso.htm>.
- Mendes, R., Clemente, F., Rocha, R., Damásio, A. (2012). Observação como instrumento no processo de avaliação em Educação Física. *Exedra*, nº 6.
- Padilha, P. (2001) Planejamento dialógico: Como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire.
- Pais, A. (s/d). Fundamentos didatológicos e técnico-didáticos de desenho de unidades didáticas para a área de Língua Portuguesa. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação. Recuperado a 2 de maio de 2013 de http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1072/1/Artigo_UD.pdf.
- Pereira, F.; Mesquita, I.; Graça, A. (2010). A Investigação sobre a Eficácia Pedagógica no Ensino do Desporto. *Maringá*, v.25, nº1. R. da Educação Física/UEM
- Piéron, M. (1996). *Formação de professores: Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Prudente, J. (2011). Apontamentos da Didática da Educação Física e Desporto II. Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Madeira.
- Prudente, P., Garganta, J., Anguera, M. (2004). Desenho e validação de um sistema de observação no andebol. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2004, vol. 4, nº3 (49-65).
- Reis, P. (2011). Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente. Conselho Científico para a Avaliação de Professores. *Cadernos do CCAP – 2*.
- Rink, J. (2011). Investigating the assumptions of pedagogy. *Journal of Teaching in Physical Education*.

- Robalo, F. (2004). *Do projecto curricular de escolar ao projecto curricular de turma*. Lisboa: Texto Editores.
- Roldão, M. (1995). *O director de Turma e a Gestão Curricular*. Instituto de Inovação Educacional.
- Rosado, A. & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do Desporto*. FMH Edições.
- Rosado, A. & Silva, C. (2013). Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens. Recuperado a 3 de maio de 2013 de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm>.
- Rosado, A. (1999). Léxico Comentado de Planificação e Avaliação. Recuperado a 2 de maio de 2013 de <http://home.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/lexico2.htm>.
- Rosado, A. (s/d). Planeamento da Educação Física: Modelos de lecionação. Recuperado a 15 de setembro de 2012 de http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/v3_document.htm.
- Santo, A. (2010). O Processo de Inclusão do Aluno com Paralisia Cerebral nas Aulas de Educação Física no Ensino Fundamental da Rede Municipal na Cidade de Xaxim-SC. Chapecó: Universidade Comunitária da Região de Chapecó.
- Sarmiento, P. (2004). *Pedagogia do Desporto e Observação*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Serviços de Edições
- Sarmiento, P., Rosado, A., Rodrigues, J., Veiga, A., Ferreira, V. (1990). *Pedagogia do Desporto II. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto. Elementos de Apoio*. Faculdade de Motricidade Humana.
- Sarmiento, P., Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J. & Ferreira, V. (1998). *Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*. 3.ª Edição. Faculdade de Motricidade Humana. Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Siedentop, D. (2000). *Developing teaching skills in physical education*. Mountain View: Mayfield Publishing Company.

- Silva, A. & Neves, R. (2002). A integração de alunos com necessidades educativas especiais nas aulas de Educação Física. Um estudo de caso. *Revista Digital - Buenos Aires* – 8(54), 1-3. Retirado de <http://www.efdeportes.com/efd54/integra.htm>.
- Sousa, J. (2010). Supervisão Pedagógica: O papel do Orientador/O papel do Estagiário. Vila Real: Universidade de Trás – os – Montes e Alto Douro.
- Souza, L., Alcântara, M. & Cabral, A. (2010). Crianças com necessidades especiais: reflexão sobre a inclusão nas escolas públicas do ensino regular. *Revista Digital - Buenos Aires* – 14(141), 1-2 . Retirado de <http://www.efdeportes.com/efd141/inclusao-nas-escolas-publicas-do-ensino-regular.htm>.
- Stake, R. (1995). The art of case study research. *Londres: Sage publications*.
- Tafner, M. & Fischer, J. (n/d). Paralisia Cerebral e Aprendizagem: Um estudo de caso inserido no ensino regular. Brasil: Instituto Catarinense de Pós-Graduação Psicopedagogia.
- Torres, L. & Palhares, J. (2009). Estilos de Liderança e Escola Democrática. Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea. Universidade do Minho.

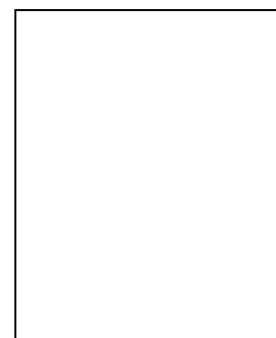
ANEXOS

Ficha Individual do Aluno

Nome _____

Disciplina _____ Ano Lectivo ____/____

Nº de Aluno _____ Ano _____ Turma _____



Enc. de Educ. _____ Tel. _____

Morada _____ Cód. Postal _____

Pai _____ Profissão _____ Tel. _____

Mãe _____ Profissão _____ Tel. _____

Nº de Irmãos _____ Idades _____ Com quem Vive _____

Observações _____

Pratica alguma modalidade _____ Qual _____ Federado _____

Pratica Actividade Física _____ Com regularidade _____ Quantas vezes por semana _____

Pai pratica Modalidade Desportiva _____ Federado _____ Amador _____

Mãe pratica Modalidade Desportiva _____ Federado _____ Amador _____

Irmão pratica Modalidade Desportiva _____ Federado _____ Amador _____

Tem alguma doença _____ Qual _____ Necessita acompanhamento médico _____

Toma medicação regularmente _____ É impeditivo de realizar as aulas _____

	Classificação	Assiduidade	Observações
1º Período			
2º Período			
3º Período			

QUESTIONÁRIO

O objectivo deste questionário é conhecer um pouco mais sobre ti. Só te conhecendo é que os professores podem adequar as aulas a ti e ajudar-te nas tarefas que tens de realizar, por isso é importante que respondas às questões de forma verdadeira. Não existem respostas certas ou erradas e aquilo que escreveres é confidencial.

1. Identificação

Nome _____ Data ___/___/___

2. Agregado Familiar

No quadro abaixo deves indicar os dados do teu pai e da tua mãe. Além destas duas pessoas deves preencher os dados de todas as pessoas que vivem contigo (irmãos, avós, tios, primos, etc.)

Grau de Parentesco	Idade	Habilitações Literárias	Profissão	Esta Pessoa Vive contigo?
Mãe				
Pai				

2.1 Em qual das situações os teus pais se encontram?

Casados Separados Solteiros

Falecidos: Pai Mãe

3. Deslocação

Normalmente como te deslocas no percurso casa/escola e escola/casa?

Casa para Escola	
Autocarro	
Carro	
A pé	
Outro	
Qual:	

Escola para Casa	
Autocarro	
Carro	
A pé	
Outro	
Qual:	

Quanto tempo gastas diariamente no teu deslocamento? _____

4. Hábitos Alimentares

Assinala no quadro com um X as opções que se aplicam a ti.

	Nunca	Poucas vezes (1 ou 2 dias)	Quase sempre (3 a 4 dias)	Todos os dias
Pequeno-almoço				
Lanche da Manhã				
Almoço				
Lanche da Tarde				
Jantar				

5. Saúde

5.1 Tens algum problema de saúde ou já tiveste? Sim Não

5.1.1 Se sim, qual ou quais _____

5.2 Tomas regularmente algum medicamento? Sim Não

5.1.2 Se sim, qual ou quais _____

6. Percurso Escolar

6.1 Reprovaste alguma vez? (Assinala com um “x”)

Sim Não Se sim, quantas vezes: _____ Em que ano (s) _____

6.2 Indica quais os motivos: Doença Falta de estudo Excesso de faltas

Falta de tempo para estudar Outros Quais? _____

6.3 Qual foi a tua nota em Educação Física o ano passado? _____

7. Condições e Hábitos de Estudo

7.1 A que horas te levantas? _____ horas A que horas te deitas? _____ horas

7.1.1 Se te deitas depois das 22 horas, indica a razão? (Assinala com um “x”)
Ver televisão Estudar Treino Outras Quais _____

7.2 Costumas estudar: Sozinho Acompanhado

7.3 Onde preferes estudar?

Biblioteca Sala de estudo Café Casa

7.4 Quando é que estudas?

Regularmente Só para os testes Quando te obrigam

7.5 Os teus pais interessam-se pelo teu estudo? Sim Não

7.5.1 Se sim de que forma?

Ajudando nos trabalhos de casa Contactando com o diretor de turma

Vendo com frequência os teus cadernos De outra forma Qual? _____

7.6 Qual a atitude dos teus pais perante os resultados escolares?

Apoio Compreensão Castigo Interesse Desinteresse

7.7 Os teus pais demonstram interesse pela disciplina de Educação Física?

Sim Não

7.8 Quais as duas disciplinas preferidas?

Quais as duas que menos gostas?

1ª _____

1ª _____

2ª _____

2ª _____

8. Sobre a Tua Turma

8.1 Que colegas da turma escolherias se tivesses de realizar as seguintes tarefas?

Para Estudar: 1º _____ 2º _____

Para Trabalhar em grupo: 1º _____ 2º _____

Para pertencer à tua equipa de EF: 1º _____ 2º _____

8.2 Que colegas da turma NUNCA escolherias se tivesses de realizar as mesmas tarefas?

Para Estudar: 1º _____ 2º _____

Para Trabalhar em grupo: 1º _____ 2º _____

Para pertencer à tua equipa de EF: 1º _____ 2º _____

Obrigado pela colaboração!



UNIDADE DIDÁTICA I

Ano Letivo 2012/2013

Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos dos Louros

Universidade da Madeira

Centro de Competência de Ciências Sociais
Departamento de Educação Física e Desporto
Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Professores Orientadores

Dr.^a Elda Gomes
Prof. Doutor Ricardo Alves

Estagiário

Gilberto Prioste

2012

Índice

1. Introdução.....	87
2. Calendarização das aulas da Unidade Didática I.....	88
3. Cronograma das matérias.....	88
4. Cronograma dos conteúdos.....	90
5. Justificação das matérias e estruturação dos conteúdos.....	94
6. Estratégias metodológicas.....	95

1. Introdução

Esta Unidade Didática que é a primeira, corresponde à primeira etapa de trabalho a ser desenvolvida. Nesta primeira etapa, temos como principal objetivo realizar as avaliações diagnósticas dos alunos nas diferentes matérias a serem abordadas no presente ano letivo. O modelo de lecionação utilizado é o Modelo “misto”. Segundo Rosado (s/d), *“A avaliação inicial constitui o objecto da primeira etapa de trabalho, no início do ano letivo e a sua função consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias...”*. Neste modelo, a avaliação inicial recai sobre todas as matérias e condição física. Nesta etapa, para além das avaliações pretendemos introduzir e desenvolver matérias nunca abordadas pelos alunos como tivemos oportunidade de constatar, assim como, rever conteúdos e consolidá-los. Ainda de acordo com Rosado (s/d), a partir da avaliação inicial o professor deve estabelecer as grandes etapas do ano letivo.

Como refere Rosado (s/d), *“a 1ª fase do ano é a etapa de revisão e avaliação inicial”*. Optamos então por desenvolver todas as matérias a serem abordadas, de forma a poder aferir qual o nível dos alunos nessas mesmas matérias e poder adequar conteúdos e estratégias metodológicas,

Serão 26 aulas que irão compor esta Unidade Didática que se prolongará até ao dia 18 de Dezembro. Segundo Rosado (s/d), a UD é um conjunto de aulas muito semelhantes, com os mesmos conteúdos e/ou com a mesma função didática. Serão abordadas matérias nucleares e opcionais, sendo elas os jogos desportivos coletivos, a ginástica, o atletismo, desportos de raquete, desportos de combate, orientação, atividades rítmicas expressivas, e aptidão física através da bateria de testes fitnessgram.

Como no modelo misto utilizamos aulas politemáticas e monotemáticas teremos necessidade de utilizar estações, resultando numa variedade de estimulações (caraterística das aulas politemáticas). O modelo misto é um modelo essencialmente por etapas, que se ajusta ao “roulement” de instalações, impõe-se rotações e por vezes blocos de um só desporto (Rosado, s/d).

2. Calendarização das aulas da Unidade Didática I

1º Período																				
Setembro						Outubro					Novembro					Dezembro				
S	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
1						1	2	3	4	5				F	2					
2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
3	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
4	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31					
5	24	25	26	27	28	29	30	31												

	Dias de aulas de E. F.
	Interrupção Letiva
	Feriado
	Início/fim das aulas

3. Cronograma das matérias

	Avaliação Diagnóstica
--	-----------------------

	Revisão e aplicação de Conteúdos
--	----------------------------------

Dias		19/09	24/09	26/09	01/10	03/10	08/10	10/10	15/10	17/10	22/10
Matérias											
JDC	Futebol										
	Andebol										
	Basquetebol										
	Voleibol										
Ginástica	Solo										
	Aparelhos										
Atletismo	Corridas										
	Salto										
	Lançamentos										
D. Raquetes	Ténis de mesa										
	Badminton										
D. Combate	R. forças										
	Imobiliz.										
	Desequilib.										
Orientação											
Atividades Rítmicas Expressivas											
Jogos Lúdicos/Pré-desportivos											
Capacidades Motoras Condicionais											
Alongamentos											

Relatório de Estágio desenvolvido na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

Dias		24/10	29/10	31/10	05/11	07/11	12/11	14/11	19/11	21/11	26/11
Matérias											
JDC	Futebol										
	Andebol										
	Basquetebol										
	Voleibol										
Ginástica	Solo										
	Aparelhos										
Atletismo	Corridas										
	Saltos										
	Lançamento										
D. Raquetes	Ténis de mesa										
	Badminton										
D. Combate	R. forças										
	Imobiliz.										
	Desequilib.										
Orientação											
Atividades Rítmicas Expressivas											
Jogos Lúdicos/Pré-desportivos											
Capacidades Motoras Condicionais											
Alongamentos											

Dias		28/11	03/12	05/12	10/12	12/12	17/12
Matérias							
JDC	Futebol						
	Andebol						
	Basquetebol						
	Voleibol						
Ginástica	Solo						
	Aparelhos						
Atletismo	Corridas						
	Saltos						
	Lançamento						
D. Raquetes	Ténis de mesa						
	Badminton						
D. Combate	R. forças						
	Imobiliz.						
	Desequilib.						
Orientação							
Atividades Rítmicas Expressivas							
Jogos Lúdicos/Pré-desportivos							
Capacidades Motoras Condicionais							
Alongamentos							

4. Cronograma conteúdos

Dia	Aula	Duração	Matéria	Conteúdos	Estratégias Metodológicas
19/09	Nº1	45´	-Jogos desportivos coletivos.	-Cooperação; -Oposição; -Ocupação racional do espaço.	- Jogo pré-desportivo.
24/09	Nº2	90´	- Jogos desportivos coletivos; - Futebol; - Andebol.	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo pré-desportivo; - Jogo reduzido 4x4 e 5x5 por estações.
26/09	Nº3	45´	- Jogos desportivos coletivos. - Futebol; - Andebol.	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo pré-desportivo; - Jogo reduzido 4x4 e 5x5 por estações.
01/10	Nº4	90´	- Jogos desportivos coletivos; - Andebol; - Basquetebol.	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo pré-desportivo; - Jogo reduzido 3x3.
03/10	Nº5	45´	- Jogos desportivos coletivos; - Voleibol.	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo formal 6x6; - Jogo reduzido 5x5.
08/10	Nº6	90´	- Jogos desportivos coletivos; - Voleibol;	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo formal 6x6; - Jogo reduzido 5x5.
			- Atletismo; - Saltos; - Corridas; - Lançamentos.	- Salto em comprimento; - Salto em altura; - Corrida de velocidade; - Lançamento do dardo; - Lançamento do peso;	- Trabalho por estações.
10/10	Nº7	45´	- Capacidades motoras condicionais;	- Bateria de testes fitnessgram.	- Trabalho aos pares.
15/10	Nº8	90´	- Capacidades motoras condicionais;	- Bateria de testes fitnessgram.	- Trabalho aos pares.
17/10	Nº9	45´	- Atletismo; - Lançamentos; - Orientação.	- Lançamento do dardo; - Lançamento do peso. -Percurso de orientação	- Trabalho por estações. - Trabalho aos pares.
22/10	Nº10	90´	- Ginástica; - Solo; - Aparelhos;	- Rolamento à frente; - Rolamento à retaguarda; - Pino; - Roda; - Rondada; - Salto em extensão; - Entrada na trave e	- Trabalho por estações.

				deslocamento; - Avião; - Rondada.	
24/10	Nº11	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação;	- Situações de superioridade e inferioridade numérica;
			- Futebol;	- Oposição;	
			- Atletismo.	- Finalização;	
			- Ocupação racional do espaço;	- Progressão/penetração;	
			- Corridas;	- Domínio da bola.	
				- Trabalho de coordenação (Skipping);	- Trabalho por estações.
				- Corrida de velocidade;	
29/10	Nº12	90´	- Desportos de raquete;	- Manter posição dinâmica;	- Trabalho por estações.
			- Ténis de mesa;	- Deslocamento;	
			- Badminton;	- Batimento dir./esq;	
			- Capacidades motoras condicionais.	- Serviço;	
				- Domínio da raquete/bola.	
				- Abdominais;	- Trabalho aos pares.
				- Flexões;	
				- Alongamentos.	
31/10	Nº13	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação;	- Situações de superioridade e inferioridade numérica;
			- Futebol;	- Oposição;	
			- Atletismo.	- Finalização;	
			- Ocupação racional do espaço;	- Progressão/penetração;	
			- Lançamentos;	- Domínio da bola.	
				- Lançamento do disco;	- Trabalho por estações.
05/11	Nº14	90´	- Desportos de combate;	- Relação centro de massa/base de apoio;	- Trabalho por estações.
			- Relação de forças;	- Conhecimento do “eu”;	
			- Imobilizações;	- Perceção-ação.	
			- Desequilíbrios;		
			- Atividades rítmicas expressivas;	- Expressão corporal;	- Trabalho por grupos e pares;
	- Coordenação motora;				
			- Noção de ritmo/movimento música;		
			- Adopção de postura corporal natural;		
			- Relação espaço próprio/outro.		
			- Desportos de raquete.	- Domínio da raquete/bola;	- Trabalho por grupos e pares.
			- Ténis de mesa;	- Batimento dir./esq;	
			- Badminton;		
07/11	Nº15	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação;	- Jogo pré-desportivo;
			- Futebol;	- Oposição;	- Jogo reduzido 4x4;
				- Ocupação racional do espaço;	- Trabalho aos pares (técnica
				- Domínio da bola.	

					individual).
			- Atletismo.		
			- Saltos;	- Frequência e amplitudes da passada;	- Trabalho por estações;
			- Corridas;		
12/11	Nº16	90'	- Desportos de combate;	- Relação centro de massa/base de apoio;	- Trabalho aos pares.
			- Relação de forças;	- Conhecimento do “eu”;	
			- Imobilizações;	- Perceção-ação.	
			- Desequilíbrios;		
			- Desportos de raquete;	- Posição base;	- Trabalho aos pares;
				- Deslocamento;	
			- Ténis de mesa;	- Batimento dir./esq.	
			- Badminton;		
			- Capacidades motoras condicionais.	- Abdominais;	- Trabalho aos pares.
				- Flexões;	
				- Alongamentos.	
14/11	Nº17	45'	- Jogos desportivos coletivos.	- Cooperação;	- Jogo pré-desportivo;
			- Futebol.	- Oposição;	- Situações de superioridade e inferioridade numérica;
				- Finalização;	
				- Ocupação racional do espaço;	- Jogo reduzido 4x4;
				- Progressão/penetração;	
				- Domínio da bola.	
19/11	Nº18	90'	- Jogos desportivos colectivos;	- Cooperação;	- Jogo pré-desportivo;
			- Futebol;	- Oposição;	- Trabalho por estações;
			- Andebol;	- Finalização;	- Jogo reduzido 5x5;
				- Ocupação racional do espaço;	
			- Atletismo;	- Corridas estafetas;	- Trabalho por estações;
			- Corridas;	- Lançamento dardo e disco;	
			- Lançamentos;		
			- Capacidades motoras condicionais.	- Abdominais;	- Trabalho aos pares.
				- Flexões;	
				- Alongamentos.	
21/11	Nº19	45'	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação;	- Jogo pré-desportivo;
			- Futebol;	- Oposição;	- Trabalho por estações;
			- Andebol.	- Finalização;	- Jogo reduzido 5x5;
				- Ocupação racional do espaço;	
				- Progressão/penetração;	
				- Domínio da bola.	
26/11	Nº20	90'	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação;	- Jogo pré-desportivo;
			- Futebol;	- Oposição;	- Trabalho por estações;
			- Basquetebol;	- Finalização;	- Jogo reduzido 5x5;
				- Ocupação racional do espaço;	
				- Progressão/penetração;	
				- Domínio da bola.	
			- Capacidades motoras condicionais;	- Abdominais;	- Trabalho aos pares.
				- Flexões;	
				- Alongamentos.	

28/11	Nº21	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço.	- Jogo pré-desportivo; - Trabalho por estações; - Jogo reduzido 5x5; - Jogo reduzido 4x4.
			- Futebol;		
			- Basquetebol.		
03/12	Nº22	90´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço; - Progressão/penetração; - Domínio da bola.	- Jogo pré-desportivo; - Situações de superioridade e inferioridade numérica; - Jogo reduzido 4x4.
			- Futebol;		
			- Atletismo;		
			- Corridas;	- Corrida de barreiras;	- Trabalho por estações;
			- Saltos;		
- Lançamentos;					
- Capacidades motoras condicionais.	- Abdominais; - Flexões; - Alongamentos.	- Trabalho aos pares.			
05/12	Nº23	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Ocupação racional do espaço; - Domínio da bola.	- Jogo pré-desportivo; - Situações de superioridade e inferioridade numérica;
			- Futebol;		
			- Atletismo;		
- Corridas;	- Corrida de estafetas; - Lançamento do dardo; - Lançamento do peso.	- Trabalho por estações;			
- Lançamentos.					
10/12	Nº24	90´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Finalização; - Ocupação racional do espaço; - Progressão/penetração; - Domínio da bola.	- Jogo pré-desportivo; - Situações de superioridade e inferioridade numérica; - Jogo reduzido 5x5; - Jogo reduzido 4x4.
			- Futebol;		
			- Andebol;		
			- Basquetebol;		
- Capacidades motoras condicionais.	- Abdominais; - Flexões; - Alongamentos.	- Trabalho aos pares.			
12/12	Nº25	45´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Ocupação racional do espaço; - Domínio da bola.	- Jogo pré-desportivo; - Situações de superioridade e inferioridade numérica;
			- Futebol;		
			- Atletismo;		
- Saltos.	- Salto em altura; - Triplo salto.	- Trabalho por estações;			
17/12	Nº26	90´	- Jogos desportivos coletivos;	- Cooperação; - Oposição; - Finalização;	- Jogo pré-desportivo; - Situações de superioridade
			- Futebol;		

			- Voleibol.	- Ocupação racional do espaço; - Progressão/penetração; - Domínio da bola.	e inferioridade numérica; - Jogo reduzido 4x4.
--	--	--	-------------	--	---

5. Justificação das matérias e estruturação dos Conteúdos

Nesta etapa inicial pretendemos desenvolver a avaliação diagnóstica das matérias que vamos abordar ao longo do ano letivo, assim como vamos introduzir matérias nunca antes abordadas. De acordo com Rosado (s/d), nesta 1ª etapa de ensino devemos rever aspetos essenciais do ano anterior e realizar a avaliação inicial. Vamos por isso transmitir conteúdos já abordados em anos anteriores e consolidar esses mesmos conteúdos. A seleção das matérias a serem lecionadas foi da responsabilidade do professor tendo como base o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo visto que a turma é de 8º ano.

As matérias a serem abordadas são as nucleares para o 3º ciclo. Iremos também lecionar as matérias alternativas tendo em consideração os espaços disponíveis e os materiais disponíveis. Em alguns casos teremos mesmo de improvisar materiais para lecionar determinadas matérias tendo sempre em consideração e presente a questão da segurança e a integridade física dos alunos. As matérias a serem lecionadas são as seguintes: Jogos desportivos coletivos (andebol, futebol, basquetebol e voleibol), ginástica de solo e de aparelhos, Atletismo (saltos, lançamentos e corridas), desportos de raquete (ténis de mesa e badminton), desportos de combate (relação de forças, imobilizações e desequilíbrios), orientação, atividades rítmicas expressivas e capacidades motoras condicionais. Após as avaliações diagnósticas temos de definir o nível da turma, definir grupos por nível e detetar os alunos críticos (Rosado, s/d).

O objectivo desta Unidade Didática e tendo em conta o Programa Nacional de Educação Física, é promover o desenvolvimento harmonioso e integral dos alunos, fomentar a prática desportiva através da consolidação de conteúdos e introduzindo novos conteúdos. Pretendemos também desenvolver competências nos alunos e permitir que adquiram novas capacidades nas diferentes matérias.

6. Estratégias metodológicas

As aulas a serem leccionadas irão recair sobre a multidisciplinaridade. Neste capítulo, as matérias a serem abordadas em cada aula serão as que têm semelhanças entre si e que solicitem comportamentos semelhantes. Segundo Rosado (s/d) *“as aulas são tendencialmente politemáticas (vários desportos na mesma sessão), as unidades didáticas são um conjunto de aulas muito semelhantes, com os mesmos conteúdos e/ou com a mesma função didática”*. Ao abordar as matérias elas podem ser para toda a turma ou poderão em alguns casos ser direcionadas só para um grupo da turma ou mesmo para um único indivíduo. Como nos refere Rosado (s/d), *“existe uma maior individualização e respeito por ritmos diferenciados de aprendizagem (alguns alunos numa matéria e os restantes noutra) e existe uma maior inclusividade”*. O tempo dedicado às diferentes matérias e à realização das tarefas propostas não será stander nem inflexível, pois o ritmo de aprendizagem varia de matéria para matéria, assim como varia de aluno para aluno. Em algumas aulas poderemos abordar unicamente uma matéria, o que significa que não serão sempre aulas politemáticas. Como nos refere Rosado (s/d), este modelo permite aulas poli e mono temáticas.

Nas aulas vamos criar rotinas, referimo-nos ao início, desenrolar da aula e fim para que não se perca muito tempo na organização da mesma e nas transições, a fim de rentabilizar ao máximo o tempo de empenhamento motor. Segundo Rosado (s/d), na 1ª etapa de ensino devemos criar rotinas, rever aspectos essenciais do ano anterior e “recuperar” a condição física, entre outros aspetos.


Relativamente aos alunos que não realizam os exercícios da parte prática, estes terão tarefas para desenvolver nas aulas, tais como, responsabilidades na preparação e arrumação do material necessário para a aula, ajudarão o professor nas questões de arbitragem sendo seus colaboradores e caso seja solicitado elaborarão relatórios ou resolverão fichas sobre os conteúdos da aula, que irão ser elaboradas pelo professor.

UNIDADE DIDÁTICA I

Escola: Básica dos 2º/3º ciclo dos louros	Local: Polidesportivo	Data: 26-11-2012	Hora: 9h 50
Ano/Turma: 8º3	Nº de Alunos: 22	Duração: 90´	Aula: 20
Estagiário: Gilberto Prioste	Material necessário: Apito, cronómetro, 2 bolas de futebol, 2 bolas de basquetebol, pinos, testemunhos, 6 fitas vermelhas e 5 fitas amarelas.		
Objetivos Gerais: Desenvolver a aptidão muscular (Velocidade), Promover a corrida de estafetas, Desenvolver a cooperação, oposição, ocupação racional do espaço, progressão/penetração, domínio da bola e finalização nos JDC.			

Parte	Conteúdos	Condições de Realização	CrITÉrios de Êxito	Representação Gráfica	TP	TT
Inicial	<ul style="list-style-type: none"> - Receção dos alunos e chamada; - Desenvolver o balanço da atividade de extensão curricular; - Transmissão dos conteúdos e objetivos; - Ativação músculo-esquelética (Jogo pré-desportivo-jogo dos 10 passes no futebol e basquetebol); 	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos de forma organizada ouvem e seguem as indicações dadas pelo professor; - Ativação através do jogo pré-desportivo (jogo dos 10 passes. A equipa que fizer 10 passes marca ponto). 	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos ouvem atentamente as informações transmitidas; - Na ativação os alunos desenvolvem o jogo dos 10 passes (futebol e basquetebol) trabalhando a cooperação. A equipa que não possui a posse da bola opõe-se com o objetivo de recuperar a bola para fazer 10 passes e consequentemente marcar ponto. 		15´	15´
Fundamental	- Corrida de velocidade por equipas;	- Dividimos a turma em 2 equipas e estas em competição fazem um percurso com mudanças de sentido em velocidade máxima. (Sem bola e com bola de basquetebol)	- As 2 equipas desenvolvem um percurso pré definido em velocidade máxima tendo como objetivo específico vencer a competição. (Primeiro sem bola e depois com bola aumentando a complexidade).		5´	20´
	- Corrida de estafetas;	- As mesmas equipas realizam corridas de estafetas num percurso específico com testemunhos competindo entre si;	- Num percurso pré definido que permita a transmissão dos testemunhos de forma correta e por trás, os alunos desenvolvem corrida de estafetas com o objetivo específico de transmitir de forma adequada o testemunho e ganhar a competição;		10´	30´
	<ul style="list-style-type: none"> - Jogo reduzido no futebol 5+1x5+1; - Jogo reduzido no basquetebol 5x5; 	<ul style="list-style-type: none"> - A turma é dividida em 2 estações. Numa os alunos desenvolvem futebol em jogo reduzido. Na outra estação os alunos jogam basquetebol em campo reduzido. 	<ul style="list-style-type: none"> - A turma é dividida em 2 estações. Os alunos jogam futebol e basquetebol em campo reduzido. No jogo reduzido os alunos jogam em equipa cooperando entre si e a equipa que não possui a posse da bola opõe-se tentando recuperar a posse da bola. Os alunos devem ainda ocupar racionalmente o campo, ter domínio da bola e tentar finalizar sempre que se crie uma janela de oportunidade. 		45´	75´
Final	<ul style="list-style-type: none"> - Retorno à calma; - Alongamentos; - Balanço da aula. 	- Os alunos dispõem-se à frente do professor em "U".	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos realizam alongamentos; - Os alunos ouvem com atenção a chamada de atenção sobre os comportamentos positivos e sobre os menos positivos; - Esclarecimento de dúvidas; 		5´	80´

Observações _____

E s c o l a B á s i c a 2 º e 3 º d o s L o u r o s		
Nome _____	Nº _____	
Turma _____	Ano _____	Data ____/____/____
Classificação _____		

QUESTÃO AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1. **Lê atentamente as questões abaixo e Escolhe a resposta mais correta. Apenas uma resposta está correta.**

1.1 O futebol é um desporto:

- _____ Individual
- _____ Coletivo
- _____ Pares

1.2 O objeto de jogo no Futebol é:

- _____ Disco
- _____ Bola
- _____ Volante

1.3 As modalidades cujos espaços são de invasão:

- _____ Andebol, Voleibol, Futebol
- _____ Basquetebol, Futebol, Andebol
- _____ Futebol, Basquetebol, Voleibol

1.4 O objetivo do jogo Futebol é:

- _____ Introduzir a bola na baliza adversária
- _____ Passar a bola ao capitão de equipa
- _____ Entrar na baliza adversária, marcando golo

1.5 O número de jogadores que compõe a equipa das seguintes modalidades é:

- _____ Futebol
- _____ Andebol
- _____ Basquetebol
- _____ Voleibol

1.6 O tempo de jogo das seguintes modalidades é:

- _____ Futebol
- _____ Andebol
- _____ Basquetebol
- _____ Voleibol

1.7 No Futebol NÃO se pode:

- _____ Tocar acidentalmente com o pé na bola
- _____ Passar a bola a um adversário
- _____ Correr com a bola na mão

1.8 O Atletismo é uma modalidade:

- Predominantemente Individual
- Coletiva
- Mista
- Pares

1.9 O atletismo divide-se em Disciplinas:

- Corridas
- Saltos e Lançamentos
- Corridas, Saltos e Lançamentos

1.10 Assinala a prova que é coletiva (Por equipas):

- Corrida de velocidade
- Maratona
- Prova de estafetas

1.11 Nos Lançamentos temos:

- Só lançamento do peso
- Lançamento do peso e dardo
- Lançamento do peso, do dardo e lançamento do disco

1.12 Nos saltos temos:

- Só salto em altura
- Salto em altura e salto em comprimento
- Salto em altura, salto em comprimento, triplo salto
- Salto em altura, salto em comprimento, triplo salto e salto com vara

BOM TRABALHO E BOA SORTE!

**Ficha de Observação
Comportamento do Professor/Eficácia Pedagógica**

Matéria:	Nº alunos:	
Professor (estagiário):	Data:	Hora:
	Local:	
Observador (es):	Material:	

COMPORTAMENTO DO PROFESSOR		REALIZAÇÃO		OBSERVAÇÕES
Dimensões	Destrezas	Sim	Não	
Gestão e organização inicial	Supervisiona a entrada dos alunos na sala de aula			
	Apresenta os objetivos/conteúdos da aula de forma clara			
	Estabelece as normas e as regras de disciplina e funcionamento da aula			
	A organização da turma decorre de forma rápida			
Condução da Aula	A organização da turma/grupos é feita de forma rápida			
	Posiciona-se de forma a controlar toda a turma visualmente			
	Circula entre estações/tarefas para ajustar o material e/ou prestar apoio aos alunos			
	Presta ajuda aos alunos com maior dificuldade de realização			
	Corrige individualmente os alunos			
	A utilização/disposição dos materiais no espaço dá-se de forma adequada			
	Os materiais encontram-se organizados e preparados para os exercícios			
O professor está atento aos comportamentos de desvio, demonstrando capacidade de intervir de modo específico				

Relatório de Estágio desenvolvido na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos dos Louros

Gestão do Tempo	A aula decorre no tempo estipulado			
	Bom nível de empenhamento motor			
Organização da turma em prática	Informa os alunos em relação ao sentido das transições			
	Utiliza linguagem perceptível e adequada aos alunos			
	Demonstra os exercícios			
	Recorre a alunos para demonstrar os exercícios			
	A transição entre tarefas dá-se de forma rápida e organizada			
	As progressões são adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos			
	Verifica se os alunos executam corretamente as tarefas, adequando ao nível de desenvolvimento			
	Os alunos ajudam na arrumação ou disposição dos materiais			
	Os alunos são incentivados a realizar as ajudas			
Feedback	Emite feedback à turma em relação aos exercícios			
	Emite feedback específico/personalizado			
Clima de aula	Reage positivamente aos erros/dificuldades dos alunos			
	Trata os alunos de forma equitativa			
	Ouve e esclarece dúvidas			
	Apela e incentiva o respeito mútuo			
	Dirige-se aos alunos empaticamente			
	Incentiva os alunos à realização das tarefas			
	Apresenta um clima motivante, utilizando estratégias que facilitem a aprendizagem			
Final da aula	Realiza o balanço/síntese da aula			
	Questiona os alunos sobre os conteúdos			

Observações: _____